

O levar da palavra no passado transcendental da formação cultural brasileira

Figura 3. Desembarque de Cristóvão Colombo na América¹

**Lettera di Amerigo vespucci
deile isole nuouamente
trouate in quattro
suoi viaggi .**



Por Geraldo Moreira Prado

¹ Figura 3. Desembarque de Cristóvão Colombo na América. Autor anônimo. [Página](#)[Página](#) de rosto de Lettere dell isole che Há Tovato Nuovamente il Re de Spagna, brochura [da-de](#) quatro folhas que traz a tradução [italiano-italiana](#) da primeira carta de Cristóvão Colombo por Giuliano Dati. Florença, 1493. Xilogravura, 11,7 X 11,3 cm. (Desenho). The British Library, Londres, Inglaterra. In: Moraes Belluzzo, 1994, p. 20. As figuras citadas na tese têm como funções definidas, [serem](#)-testemunhos visuais sobre o olhar europeu da época, quanto à diversidade dos fenômenos aqui abordados.

Introdução

Que lugar nos ficaria para a fermusura e afeiteamento das palavras, pois todo nosso cuidado em isto despeso nom abasta pera ordenar a verdade? Por isso, apegando-nos a ela firme, os claros feitos, dignos de grande relembração, do mui famoso rei D. João, sendo mestre (...), e daí em diante como regente e em que tempo, breve e sãmente contados, poemas em praça". (Cf. Fernão Lopes. Crônicas de D. João I, Primeira Parte, Prólogo)

A palavra esotérica remete em geral, ao mesmo tempo, à casa vazia e ao ocupante sem lugar". (Cf. Delleuze. Lógica do Sentido, p. 50)

Palavra, instrumento de pesquisa
que rompe a carne e os nervos de mistério.

Palavra, aço e gume que investiga
O cerne do real sob aparências.

Palavra, chave mestra do segredo
Que em cada fato ou ser
Se esconde ou aflora. (Cf. Newton Filho 1963, p. 45)

A expressão a *barca da exegese*", obviamente é uma metáfora constituída por apenas três palavras, mas que traz embutido em si, oculto em si, o significado de uma viagem imaginária. E como essa *viagem* será construída a partir de fragmentos de testemunhos² sobre uma dada realidade — no caso deste ensaio a que compreende o período de formação e/ou atuação do Estado Monárquico Português — extraí-se destes o sentido do confronto do discurso do colonizador. Mas para apreender o sentido de um discurso é necessário ir além das leituras e das informações codificadas sobre um dado objeto. Embora seja óbvio — mas nem sempre o óbvio é tão óbvio como se parece ser — jamais seria um estigma começar um texto dizendo que toda a energia do ser humano, em qualquer espaço sociocultural e momento histórico, é

representado pela palavra. Isto é, quando ela é expressa oralmente, por escrito ou visualmente em ressonância com a historicidade do discurso, formando assim o sistema ou a ciência da linguagem.³

Destarte, a palavra naturalmente leva a efeito a sua função de ser a principal cravadora da impulsão da rede dessa ciência em contínua reciprocidade com a do discurso e com a da ação, atributos próprios e naturais apenas da cultura humana em busca do real (Cf. Pêcheux, 1997, pp. 7-64). E ainda por ter tais características, ela se translada na *madeira que não apodrece com o tempo*, no órgão sexuado da inteligência, do espírito criador independente da multiplicidade de classe, cor, gênero, ideologia ou crença religiosa. Assim sendo, essa função assemelhada a um denominador comum que interage com o efeito mágico da reciprocidade acima mencionada, só não é capaz de revelar e/ou explicar a verosimilitude de uns tantos fenômenos enigmáticos que acontecem na história. Entre outros, podem ser tomados como exemplos os referentes aos milagres, a temas como o do enredo do filme *O Enigma de Kaspar Hauser*, do cineasta alemão Werner Herzog.

Mas a palavra só assume tais características quando se imiscui no contexto social, na historicidade do discurso, “(...) *não como uma ordem intrínseca, mas como uma ordem que emerge das próprias atividades cognitivas*”. (Cf. Varela, 1996, p. 11), como será visto a seguir, constituindo do mesmo modo, a rede da ciência da linguagem, da comunicação ou da disseminação de um, ou de diferentes acontecimentos histórico-sociais. **Ao contrário disso, quando ela é usada isoladamente, não difere daqueles inúmeros**

² Conforme já foi mencionado na introdução, o conceito de fonte testemunhos está definido no capítulo II: Fontes testemunhos: representação de fatos e/ou acontecimentos

³ São vários os trabalhos escritos sobre as diferentes funções da palavra em suas diversas formas representativas. Mas, além de alguns autores que aparecerão citados no texto da tese, tomou-se como base também, o estudo clássico de Dino Preti. Sociolinguística, os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo literário. O referido estudo foi uma espécie de estimulador para esta área do conhecimento, desde a época da minha passagem pela Faculdade de Letras. Outro estudo bastante completo sobre esses aspectos é o livro de GOODY, Jack. A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade. Lisboa: Edições 70, [1987].

monumentos imutáveis no tempo que se encontram estaticamente estampados em todos os centros urbanos do mundo. Portanto, olhando-a pelo seu ângulo estático, corre-se o risco de confundir a complexidade de um objeto em apreciação, como, por exemplo, o deste ensaio, com certas teorias atuais, de muito uso e propagação nos meios acadêmicos e científicos mundiais. Frequentemente essas teorias estabelecem hipóteses ditas científicas, porém fastidiosas, inconstantes e de feições iguais, para pôr à prova de que o Universo é uma espécie de síntese de unidades estáticas, enquanto que, numa perspectiva *verdadeiramente* científica, à primeira vista ele é composto de supostas complexidades desordenadamente integradas.

Essas teorias não atentam para o grau da complexidade de algumas singularidades dos saberes⁴ humanos no âmbito de uma organização econômica e social, e em um determinado momento histórico. Ao contrário disso, a ênfase à análise do objeto aqui proposta, buscará a partir dos fundamentos da Teoria da Análise do Discurso (doravante AD), a interpretação dos discursos das fontes testemunhos. A importância da AD, sobretudo quando *visa segundo* Pêcheux/Orlandi (1988), o conhecimento do processo de produção da linguagem, é que o

quadro epistemológico da análise do discurso se apresenta como a articulação de três regiões do conhecimento científico:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações;
2. A lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (Cf. Orlandi, 1988, p. 19)

⁴ Sobre a definição do conceito de Saber existem várias obras, mas apenas destaca-se aqui um pequena representação que *foi* básicas na elaboração do referido conceito para o presente estudo, tais como Os Intelectuais e a formação da Cultura, de Antonio Gramsci; A formação do Caráter Nacional Brasileiro, de Dantes M. Leite; Os Brasileiros, -de Darcy Ribeiro; As Formas Elementares da Dialética, -de Jean Piaget; A Formação Social da Mente e Teoria e Método em Psicologia, *de* L.S. Vigotski; A Arqueologia do Saber e As Palavras e as Coisas, de Michel Foucault; A Lógica do Sentido, -de G. Delleuze; A Construção Social da Realidade, de Berger e Lukmann; Introdução Histórica à Filosofia da Ciência, de John Losee; O Saber em Construção, de Britt-Mar Barth., entre outros.

Na realidade, a partir dessas três regiões se pode ir além do conhecimento da produção da linguagem, não obstando conjecturar aqui que esta se constitui no núcleo essencial para a compreensão de qualquer que seja o saber, quer seja o produzido organicamente, quer seja o tecnicamente. Porque o saber, não se resume apenas à forma da aprendizagem oficial, mas a todo e qualquer tipo de manifestação do ser humano.

Também cabe ressaltar ainda, outro aspecto do discurso, que não é ambíguo à teoria acima citada ou à historicidade do objeto do estudo em curso, mas complementar como mostra Foucault:

o modelo linear de ato da fala (e pelo que menos uma parte da escrita) em que todos os acontecimentos se sucedem, com exceção do efeito da coincidência e de superposição; e o modelo do fluxo de consciência cujo presente escapa sempre a si mesmo na abertura do futuro e na retenção do passado. Por mais paradoxal que isso seja, as formações discursivas não têm o mesmo modelo de historicidade que o curso da consciência ou a linearidade da linguagem. O discurso, pelo menos tal como é analisado pela arqueologia, isto é, no nível de sua positividade, não é uma consciência que vem alojar seu projeto na forma externa da linguagem; não é uma língua com um sujeito para falá-la. É uma prática que tem suas formas próprias de encadeamento e de sucessão. (Cf. Foucault, 1997, p. 193)

Segundo o que foi dito acima, tanto essas formulações teóricas quanto outras que virão a seguir, constituem uma espécie de somatória da teoria delineadora do presente estudo. Em particular, porque, como já ficou esclarecido na introdução, não se trata aqui de um estudo de História Agrária *stritu sensu*, mas sim de um estudo sobre os saberes agrários. Portanto, ao se tratar de um conceito que é amplo, no percurso da narrativa, em particular da dos três primeiros capítulos desta tese, ao feichar o quadro conceitual a partir do que é exposto acima, se definirá um outro aspecto, que são os atributos específicos do sujeito e do objeto da tese.

O Saber tem um lado que é específico, individual e outro, ⁷ que, ₂ embora seja produzido individualmente, é coletivo, sobretudo, quanto à tentativa que se faz para apreendê-lo, como são os que estão nas fontes testemunhos. Por se utilizar aqui o conceito de testemunho, deve-se esclarecer, de imediato, qualquer dúvida a respeito da diferença entre texto e discurso, uma vez que as outras questões, tais como as relacionadas com a interação da palavra com a frase e ambas com a linguagem serão comentadas a seguir. Quanto ao discurso, em sua clássica definição formal, tomando por base o desta própria tese, significa a exposição ou o enunciado regedor sobre o objeto que está se procurando construir: a constituição dos saberes agrários brasileiros.

Em síntese, este é o seu conceito básico usado em dicionários, enciclopédias ou mesmo no senso comum. Mas como se pretende desenvolver o referido assunto com base na Teoria da AD, segundo a orientação teórica de Eni Orlandi, diz ela interpretando Michel Pêcheux (1975), que a especificidade desta teoria “(...) *está em que o objeto, a propósito do qual ela produz seu resultado, não é um objeto lingüístico mas um objeto sócio-histórico onde o lingüístico intervém como pressuposto*”. (Cf. Orlandi, 1996, p. 53). Destarte, tem-se em resumo a essência da concepção do discurso, segundo o método da autora citada e, de certa forma, aqui adotado. Quanto à definição formal do texto em si — tomando novamente como exemplo o deste ensaio — é o seu conjunto de palavras formando frases, orações e mais toda a estrutura básica que caracteriza uma obra escrita. Por ter tais características, ele se constitui, em última instância, em uma unidade fechada. (Idem, p. 54) Mas isto não é a mesma coisa quando se toma o texto de uma, ou do conjunto das fontes testemunhos como matéria-prima do objeto em construção desta mesma tese. O texto, diz Orlandi,

visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada — embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira — pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), como que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer). (Idem, ibidem)

No entanto, ressalta-se ainda, que este assunto não se limitará apenas aos esclarecimentos aqui resumidos. Na maneira do possível, eles serão retomados ~~em toda a tese~~, porém com mais encaço, no item 1.1.1 do presente capítulo, no qual se analisará o *significado sintático da palavra no contexto da historicidade do discurso das fontes testemunhos* aqui utilizadas. Ponderando estes aspectos — que em síntese prescrevem a complexidade do objeto da tese —, interpretar-se-á, ~~na medida do possível~~, à mão de ferro e não a toque de cetim, a constituição e/ou transmutação do passado transcendental dos saberes agrários brasileiros. ~~De certa maneira~~, estes conceitos foram mais ou menos situados na introdução ~~desta tese~~. Dado as características de cada um deles, alguns serão definidos ainda nos três capítulos que compõem o Tomo I e que trata da Conjetura sobre o fenômeno do processo de transmutação do passado transcendental dos saberes agrários brasileiro. Outros, apesar de esboçados também nesses mesmos capítulos certamente só serão mais claramente definidos nas considerações finais deste estudo.

A hipótese sobre a origem dos mesmos, certamente está, por um lado, no conhecimento interativo de fenômenos conhecidos, tal como o encadeamento da complexa procedência do Estado monárquico português; e p. Por outro, nos desconhecidos, como a origem do processo de transmutação do passado transcendental dos saberes agrários da população nativa brasileira e da africana. Os testemunhos sobre o passado dessas duas populações, são

inexistentes como representações documentativas específicas, a não ser por meio daquelas fontes produzidas pelos inúmeros cronistas que testemunharam o processo de adonação efetiva, segundo o significado explicado na introdução, tanto do que foi feito no território africano, quanto no brasileiro.

Assim sendo, a hipótese deste estudo visa contemplar⁷ que houve uma transferência do sentido, ou seja, uma transmutação dos saberes agrários brasileiros no seu passado transcendental, e não uma transferência *stritu senso* das práticas dos mesmos. Isto se explica⁷ por considerar a capacidade mental que cada indivíduo tem, independente da sua condição sociocultural, de perceber e julgar, à sua maneira, os significados e/ou conceitos das palavras. Essa capacidade perceptiva o faz capitar o sentido de um determinado discurso, quer seja reproduzindo *ipsis verbis*, por escrito ou mentalmente as palavras de outrem, quer seja a partir da percepção dessas, elaborando outro discurso autêntico.

A partir da interpretação do discurso dessas fontes, tentar-se-á perceber como no período que compreende a formação e atuação do Estado monárquico português se constituiu e/ou transmutou a unidade básico do objeto deste ensaio. A bem da verdade, ao se fazer a análise do conteúdo⁵ discursivo das referidas fontes, procurar-se-á compreender no silêncio do sentido dos discursos das mesmas não exatamente o fenômeno do despojamento — pois este foi uma consequência natural no processo de adonação colonial —, mas sim, o da interação que se processou entre os saberes daquelas distas classes e/ou grupos sociais no período acima referido que compreende ao da formação e atuação do Estado monárquico português. Atribui-se tais fatores ao silêncio do sentido do discurso, e não ao discurso em si — como já ficou esclarecido anteriormente —

⁵ A diferença entre análise do discurso e análise de conteúdo será apresentada no item 1.1.1 do presente capítulo.

enquanto exposição metódica sobre um determinado assunto, por estar de acordo com a proposição regedora de Orl7andi (1996, pp. 11-12), de que *o silêncio é sentido contínuo, indistinto horizonte possível da significação*. Deste modo, a verdade sobre o objeto do presente estudo não deve ser entendida apenas como decorrência das atividades práticas do fazer exclusivo de um determinado segmento social, mas, de certa forma, como interação das ações complexas do conjunto da sociedade.

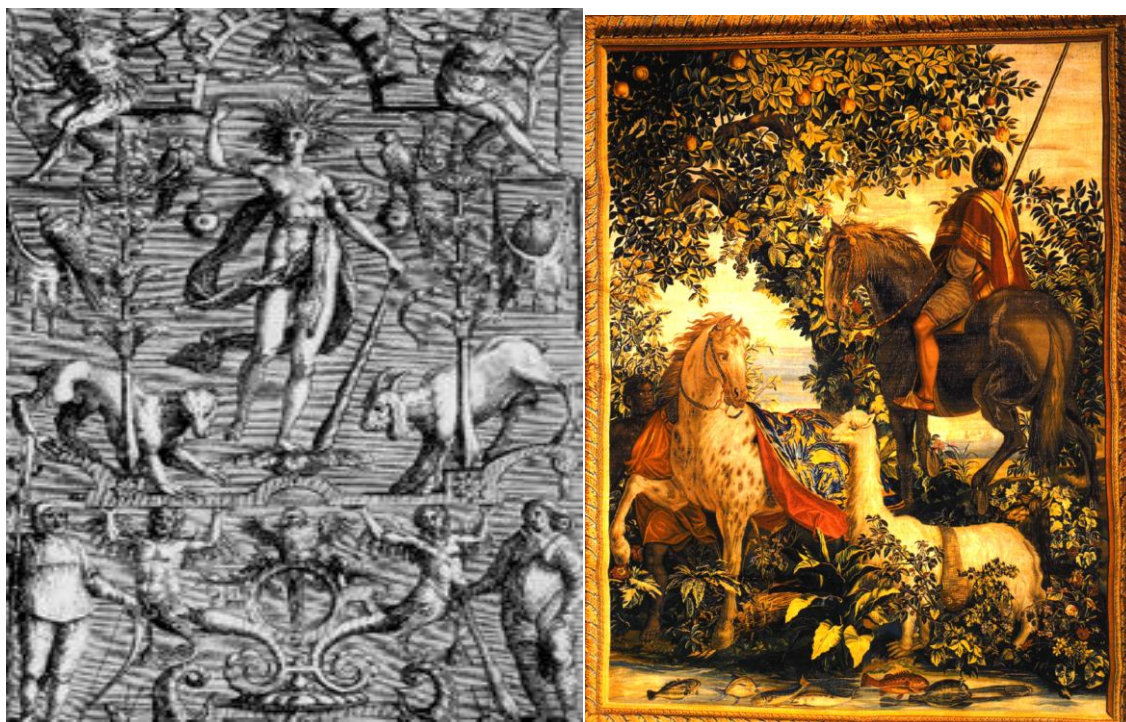


Figura 4. América. Séculos XVI e XVII⁶

⁶ Figura 4. À esquerda, América, de Phillipe Galle (1579-1600). Gravura, 19 X 11 cm. Estampa 43ª de uma série que Galle elaborou sob o título Prospographia (planificação figuradas). The New York Historical Society. Nova York, EUA. Cf. Moraes Belluzzo, op. cit. p. 83. À direita, Manufatura de Golins. L'indien à Cheval (o índio a cavalo). Paris, 1687-1689 c. Tapeçaria, série anciennes indes (grandes indes, 4º conjunto, Basse Lisse). Mobilier National, Paris, France. Idem, p. 111. As figuras têm o objetivo de visualizar exemplos de processos de mudanças. Estas e as demais figuras que vem a seguir neste capítulo, antecipam, visualmente, o conceito transmutação, no plano da realidade civilizatória segundo o olhar europeu. A última, o mutirão, já é o olhar de um brasileiro no decênio de 1950, no plano da cultura rural e que, de certa forma, contribui para ilustrar a hipótese deste ensaio.



Figura 5. 1) Homen tupinambás; 2) Mulher tumpinambá; 3) Mameluco⁷



Figura 6. 1) Negro; 2) Negra; 3) Mestiço⁸

Portanto, no que consiste ao método de análise, considerar-se-á a diversidade dessa complexidade a partir de tentativa de se

⁷ Figura 5. Da esquerda para direita: 1) Homem tupinambá (1643). Óleo sobre tela, 267 x 159 cm; 2) Mulher tupinambá (1641). Óleo sobre tela 265 x 157 cm.; 3) Mameluca (a641). Óleo sobre tela de 257 x 160 cm.

⁸ Figura 6. Da esquerda para a direita: 1) Negro (9161). Óleo sobre tela, 264 x 152; 2) Negra (1641). Óleo sobre tela, 267 x 178 cm. 3) Mestiço (1641). Óleo sobre tela 265 x 152 cm. Estas seis imagens são de autoria de Albert Eckhout e a reprodução é dos originais que estão depositados no Museu Nacional da Dinamarca. Parte do arquivo do período holandês no Brasil foi doado por Maurício de Nassau ao seu cunhado, o rei Cristian IV, da Dinamarca, na segunda metade do século XVII. Fotografia de Geraldo Moreira Prado. Máquina fotográfica Casio digital 300 dpi. Também estão reproduzidas no álbum de Moraes Belluzzo, Op. cit. pp. 92-94,

interpretar, conforme já foi dito acima, do silêncio do sentido dos discurso dos fragmentos das fontes escritas e/ou visuais **inventariadas neste ensaio**. Como exemplo preliminar aos que serão dados no decorrer do estudo, são as figuras expostas e as que vêm citadas a seguir, que de certa forma, já visualizam uma certa manifestação do processo de transmutação, apesar das mesmas representarem manifestamente o olhar de fora, do europeu.

Em razão destes e de outros fatores que serão aqui expressos, ressalta-se que este não é um **estudo da história agrária** brasileira *stritu sensu* cujo tema de certa forma vem sendo muito bem estudada por alguns autores brasileiros e estrangeiros — nem tampouco de um estudo específico sobre os instrumentos agrários e suas respectivas técnicas operacionais. Mas sem dúvida, por se tratar de abordagem ainda inédita sobre o objeto em observação, todos esses aspectos estão, ainda que em proporções diversas, associados ao contexto explicativo da hipótese acima levantada. Este foi o principal motivo que levou à opção de se trabalhar nesta tese com o conceito transcendental, cuja origem teórica baseia-se nos fundamentos preliminares à *dialética da Razão Pura* de Kant, ao dizer que

não há, porém, que recear que o entendimento por si mesmo, sem ser impedido por leis estranhas, se extravie tão caprichosamente para lá das suas fronteiras no campo dos simples seres de pensamento, (...) o entendimento a um uso **transcendente**, o qual, se bem que enganador, não pode, porém, ser constrangido, por nenhuma resolução, a permanecer no interior dos limites da experiência, mas apenas aí pode ser mantido através da disciplina científica e com esforço. (Cf. Kant [1987], p. 118)

No discurso kantiano manifesta-se, com brilhantismo, a
| idéia da grandeza ou da diminuição das verdades das coisas na sua

interação entre o concreto e o abstrato.⁹ Se for esmiuçar a história do pensamento humano, vê-se, de certa forma, que o delineamento inicial deste conceito amadurecido por Kant, encontra-se na argumentação metafísica e agostiniana¹⁰ de Henrique de Gand (? - 1293), o qual procurou mostrar que existia uma distinção entre o mental e o real. Quanto a isso, Gand se fundamenta ainda na teoria do seu antepassado e também filósofo, o médico iraniano Ibn-Sina Avicena (980-1037). Avicena admitia que a inexistência das coisas anteriores pode ser explicada a partir da compreensão da relação entre elas, uma vez que as causas estão no seu próprio movimento. Gand dizia também que a compreensão desse movimento

deveria entender-se de duas maneiras "ter por si o não ser". Uma, apenas mentalmente, porque se entende a essência da criatura como não ser e como ser. A outra, realmente, porque, por si, é pela primeira não-ser, e é ser a partir de outra". (Cf. de GAND [1996], p. 106)

Olhando a concepção de GAND sobre a relação entre o mental e o real a partir da formulação de Kant — que foi, entre os poucos filósofos da sua época um dos pioneiros na formulação da origem da dialética materialista ou teoria da praxes (Cf. Goldmann, 1967) —, ele vai dizer que

Chama-se **teoria** mesmo a um conjunto de regras práticas quando estas regras são pensadas como princípios numa certa universalidade, e aí se abstrai de um grande número de condições as quais, no entanto, têm necessariamente influência sobre a aplicação. Inversamente, denomina-se prática não toda operação, mas apenas a efetuação de um fim conseguido como

⁹ Estes aspectos são tratados em todas as obras de Kant, porém estão mais aprofundados nos seguintes livros: Crítica da Razão Pura, Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza e Diálogo de um Filósofo Cristão e de um Filósofo Chinês.

¹⁰ Santo Santo Agostinho (354-430), foi o primeiro grande teórico da doutrina escolástica e cujos fundamentos essenciais estão em suas duas obras principais: Confissões e Cidade de Deus. Esta doutrina, foi sendo modificada ainda no decorrer do período medieval por vários outros pensadores teólogos, entre os quais se destacam — ou as suas idéias de certa forma ainda são discutidas nos dias atuais —, São Thomás de Aquino (1226-1274), Henrique de Gand (? - 1293), Guilherme de Occan (1270-1347), entre outros mais. Observando o conceito de história no âmbito da doutrina escolástica, tem-se a visão mística da duração eterna da vida, esta entendida enquanto alma. Portanto, segundo esta doutrina, o fim da história é o Juízo final, embora tal aspecto há muito tempo não venha mais sendo considerado pela historiografia mundial.

adesão a certos princípios de conduta representados na sua generalidade. (Cf. Kant [1992], p. 57)

A partir de Kant engendra-se uma maior complexidade da filosofia da praxis, alcançando o ápice da sua transmutação no século XIX com as formulações teóricas de Marx. A diferença básica entre ambas as concepções é que para Marx, ao contrário de Kant, o sujeito do conhecimento é formulado a partir da ação do conjunto do trabalho humano no curso da produção material. Ou seja, para Marx, no sistema capitalista de produção de mercadoria o mistério do trabalho humano

é simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes ao produto do trabalho, por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. (Cf. Marx, 1994, p. 81)

Deste modo, é possível se deduzir que o fetiche da mercadoria é o processo que implica permuta natural entre a força de trabalho, que é uma categoria abstrata, com todo o sistema gerado pela presença da mercadoria, ou seja, a acumulação de riqueza. Este sim é um dado concreto. Porque é por meio do processo de ocultação da produção dessas mercadorias que elas se “(...) *tornam coisas sociais, com propriedades perceptíveis e imperceptíveis aos sentidos*”. (Idem, ibidem). E este é um fenômeno complexo, uma vez que não se trata de uma atuação individual de caráter exclusivamente mecanicista. Ao contrário, esse caráter é de extrema complexidade, mesmo porque, se tomar a formulação de Marx numa perspectiva histórica, concluir-se-ia que ela é, não apenas uma questão de caráter puramente economicista como muitos críticos do marxismo acham, mas, sobretudo em relação ao saber-fazer, é uma síntese crítica das formulações teóricas dos seus antepassados.

Neste sentido, no momento em que a relação social de produção analisada por Marx passou a ter como substância real, portanto dominante, a relação capital-trabalho, não apenas transformou em mercadoria a produção de um alfinete ou de um trem de carga, como também as demais instâncias ou mesmo a produção de uma notícia ou a informação sobre qualquer assunto publicada em um periódico qualquer. Assim se pode observar que é essa complexidade que se insere a natureza (a terra, o subsolo, as águas, as florestas, etc.). A complexidade do pensamento de Marx, não deve ser olhada de forma apressada, como fazem alguns comentaristas que procuram negá-la, pois, se assim o fizer, o objeto em construção ficará desprovido de profundidades analíticas. E como a hipótese básica deste ensaio procura comprovar o processo de transmutação dos saberes agrários brasileiros, partiu-se do pressuposto de que os mesmos são uma realidade concreta, entendida segundo a complexidade do conceito de Marx, ao dizer que o concreto

é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, a unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partido, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. (Cf. Marx, 1982, p. 14)

Ao considerar tal pressuposto, foi se buscar, ainda em nível teórico-histórico, a explicação de Locke sobre o trabalho como instrumento de valorização da terra, dando a idéia de uma nascente exploração da natureza, segundo o modelo adotado após a consagração da burguesia industrial assumir o poder. Tais idéias começam a ser cogitadas por Locke na segunda metade do século XVII, ou seja, aproximadamente duzentos anos antes de Marx elaborar a sua teoria do valor-trabalho. Locke dizia que

é o trabalho, portanto que atribui a maior parte do valor à terra, sem o qual dificilmente ela valeria alguma coisa; é ela que devemos a maior parte de todos os produtos úteis da terra, por tudo isso a palha, farelo e pão desse acre de trigo valem mais do que o produto de um acre de terra igualmente boa mas abandonada, sendo o valor daquele o efeito do trabalho. (Cf. Locke, Apud Mello, In: Weffort, 1998, p. 94)

Se for considerar a metalinguagem de Locke em graus de hierarquia, vê-se que a explicação tanto para esta como para as demais atividades humanas se prenderia à lógica do uso da linguagem, pois esta, de acordo com Locke, está no centro de todos aqueles sistemas hoje compreendidos, segundo explica Roman Jakobson (1974, pp. 33-71), como semióticos humanos. Destarte, se for de fato procurar no pensamento filosófico de Locke, a sua hipotética nascente economia da natureza relaciona-se com a problemática da economia burguesas em construção, mas como foi dito acima, ela só é compreendida, verdadeiramente, através dos sistemas de linguagens. Se tomar tais fundamentos como exclusivos, o processo de adonação e exploração das terras do além-mar do Estado monárquico português até o século XVIII, se explicaria pela lógica do domínio da língua, e não pela exploração econômica da natureza. A língua, na realidade, foi o instrumento básico, ou a ferramenta da ação principal no processo de adonação territorial manifestada através dos seus setores produtivos básicos: a ocupação efetiva do espaço territorial brasileiro, segundo já foi muito bem estudado pela historiografia brasileira.

Tem-se, portanto, nesse processo, um esboço da economia de exploração da natureza, que cronologicamente, em alguns momentos é contemporâneo de Locke, embora não fosse sobre isto que ele estivesse se baseando para formular a sua teoria, como de certa forma aparece em Marx. Todavia, esta questão permeará por toda a tese, em particular no capítulo IX, que num plano mais teórico

sobre a explicação de se explorar a natureza como riqueza econômica propriamente dita, de certa forma se complementa com o que José Augusto Pádua diz com muita propriedade que (...) *a idéia de uma economia da natureza, em sentido amplo, pode ser vista como a criação coletiva de um grupo brilhante de naturalistas, entre os quais se incluem nomes como Buffon, Duhamel de Monceau e outros. Mas o marco teórico fundamental encontra-se na obra do naturalista sueco Carl von Lineus (1707-1778).* (Cf. Pádua, 1887) Os exemplos acima e os demais que virão no percurso deste estudo, são no sentido de esclarecer melhor que o conceito transmutação engendra-se ao de transcendental, este entendido não apenas como uma simples variação cíclica quer seja do tempo, quer seja da ação humana, mas sim dinâmica de fenômenos entre a permanência e a transformação da realidade, cuja explicação não se limita apenas à experiência prática em si, mas a infinidade dos fenômenos que a compõem. Ainda em relação ao conceito transcendental em Kant, como já foi mais ou menos delineado acima, Lucien Goldmann, em *a Origem da Dialética*, vai afirmar que a filosofia da história desse pensador *é também, uma tentativa de conciliação das categorias básicas: "a universalidade racionalista e atomista e a totalidade concreta".* (Cf. Goldmann, Op. cit., p. 48)

Destarte, mais na concepção marxista, mas também na kantiana, considera-se *sujeito do conhecimento* aquilo que naturalmente está contido no pensamento humano, suposição de tudo que se pensa, quer seja lembrado ou que se mantenha ainda encoberto, oculto, caoticamente desordenado no cérebro humano.

Delleuze estudando o método transcendental de Kant, mostra também que se trata de uma concepção metodológica, se propõe determinar: 1º. *A verdadeira natureza dos interesses ou fim da razão*; 2º. *Os meios de realizar estes conceitos.* Cf. Deleuze [1991], p. 11) Diz ainda Deleuze que foi somente a

partir de Descartes, e com Kant e Husserl, que o cogito torna possível tratar o plano de imanência [que existe sempre em um dado objeto] como um campo de consciência. É que a imanência é suposta ser imanente a uma consciência pura, a um sujeito pensante. Este sujeito, Kant o nomeará transcendental e não transcendente, precisamente porque é o sujeito do campo da imanência de toda a experiência possível, ao qual nada escapa, o exterior bem como o interior. Kant recusa todo uso transcendente da síntese, mas remete a imanência ao sujeito da síntese, como uma nova unidade, unidade subjetiva. Ele pode até mesmo dar-se ao luxo de denunciar as Idéias transcendentais, para fazer delas o “horizonte” do campo imanente ao sujeito. Mas, fazendo isso, Kant encontra a maneira moderna de salvar a transcendência: não é mais a transcendência do sujeito de um Algo, ou de um Uno superior a toda coisa (contemplação), mas a de um Sujeito **ao qual** o campo de imanência é atribuído por pertencer a um eu que se representa necessariamente um tal sujeito (reflexão). O mundo grego que não pertencia a ninguém se torna cada vez mais a propriedade de uma consciência cristã. (Cf. Deleuze, 1997, p. 63-64)

O que Deleuze diz sobre Kant não apenas está no nível teórico, mas sobretudo complementa os graus circunstanciais de reciprocidades das teorias que de certa forma organizam o delineamento da parte teórica deste ensaio. E a transcendência do sujeito do estudo apresentado — **saberes agrários brasileiros** — não é o mesmo da história agrária *stritu sensu*, como foi ressaltado anteriormente. Mesmo assim, deve-se ainda ficar atento à observação feita por Umberto Eco em seu livro *Como se escreve uma tese* (1995, 170p.).

Segundo o alerta de Eco, qualquer que seja a modalidade expositiva, não se deve fugir do assunto específico, pois isto pode levar apenas à simplicidade de uma visão panorâmica do mesmo. No entanto, no conjunto da lógica do estudo em apreço, ao conjugar as suas propriedades concretas, abstratas ou artificiais e naturais no contexto do Império Ultramarino português, certamente conduzirá a

narrativa deste ensaio à uma reflexão panorâmica sobre a problemática aqui abordada. Neste sentido, os diferentes aspectos dos saberes aqui apresentados, vão formar naturalmente, no nível mental e real, a rede do entendimento sobre a complexidade e a reciprocidade natural do sujeito e do objeto do estudo em desenvolvimento.

Mesmo considerando muito importante o alerta de Umberto Eco, ele não está em perfeita consonância com o objeto aqui analisado. Mas se deve esclarecer, ainda, que o objetivo de se esboçar as panorâmicas acima enunciadas, é o de oferecer alguns graus de conhecimentos teóricos a uma melhor compreensão do núcleo temático em estudo, cuja constituição e/ou compreensão obviamente se dá mediante o uso da palavra. Por isso — e também para não se afastar do enunciado regedor do título deste ensaio — ao se tomar a palavra e ter certeza se elas têm ou não coerência com a linguagem, é sempre merecedor ter um interlocutor para se dialogar.

O merecimento de se ter sempre a participação desse notável personagem para se dialogar, é “(...) *porque sentimos instintivamente a necessidade da presença de alguém a quem nos dirigir, quando usamos da linguagem. É um estímulo que nos falta, quando apenas “falamos ao papel”*”. (Cf. Câmara Jr., 1986, p. 55) Ainda que por um lado o sentido desta citação venha a ser o normal no exercício do ato de escrever, por outro, num primeiro momento, é impossível evitar, em qualquer que seja o estudo, de se monologar com o papel. Este exercício começa sempre nos primeiros parágrafos de qualquer trabalho escrito, porque é aí onde minuciosamente se esclarece o porquê da interpretação de alguns conceitos teóricos, porém considerando, segundo Deleuze, que (...) *todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido,*

e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução. (Cf. Deleuze, 1997, pp. 27-28)

Portanto, a solução para interpretá-los teoricamente, remete à compreensão do sentido da historicidade do discurso das fontes testemunhos¹¹ utilizadas e do sentido das funções semântica e sintática de uma determinada palavra. O conceito de historicidade, segundo a definição por Deleuze, leva à idéia de transcendência, pois esta se transmite e se transfere apenas para o sentido, e não para o sujeito ou o objeto do conhecimento *stritu sensu* e em contínua construção, que para algumas correntes teóricas se dá no âmbito do pensamento e para outras na interação entre o pensamento e a ação humana. Como foi visto acima, existem interpretações diversas sobre o conceito transcendental no contexto da sua historicidade. Um deles, pode ser o mostrado por Capistrano de Abreu, ao estudar a língua dos Bacaeris, povos indígenas do rio Novo (afluente do Tapajós e um dos formadores do Xingu).

Capistrano destriça a estrutura da língua falada por aquele povo que hoje em dia está praticamente extinto e mostra, em relação ao uso do verbo no indicativo, a existência “(...) *de três passados que se podem chamar remoto, médio e flagrante, pois este, que é em raki ou taki, pode também indicar o presente ou o futuro imediatos*”. (Cf. Capistrano de Abreu, 1975, p. 172) Como exemplo disto, transcreve-se a seguir um trecho da língua daquele povo,¹² cuja cosmologia mitológica revela a sua visão-de-mundo em relação ao tempo transcendental. Diz Capistrano, que a preocupação ou o assunto apresentado no trecho por ele traduzido, é a destruição do mundo pelo fogo e pelo dilúvio e que se dá da seguinte maneira:

Eis o que sucedeu aos bacaeris, aos brasileiros, aos tapuias depois que brigaram. — Nosso capitão se zangou; — basta, disse, e fez a doença da gente, e

¹¹ A definição e/ou opção pelo conceito de fontes testemunhos está no item 1.1.1.1 deste capítulo.

¹² Transcrição livre feita pelo próprio Capistrano de Abreu, pp. 177-178.

todos com os outros bichos morremos. — Depois ao amanhecer escureceu; — as trevas fecharam a saída do sol, — quando se fecharam fizeram o frio; — depois do sol sair continuaram as trevas’ — com as trevas saíram as estrelas; — muito frio fizeram as trevas.

Depois aparecem as onças; os antigos fizeram muito fogo; as facas lutaram contra as facas, as flechas lutaram contra as flechas; — quem não morreu de fome, os fortes, não morrem mais, fica. — Depois, passados tempos, surgiu o sol; os antigos comeram ao meio dia. — Depois, muitas noites dormidas, o fogo saiu de dentro da terra; — o fogo era como o sol: as árvores morreram com o calor; secaram os rios; — quando secaram, morreram os peixes, — e o urubu comeu os peixes. — Quando os rios secaram morreram os bichos à sede; — A mandioca, o milho, morreram totalmente. — Depois morremos nós, — e o urubu nos comeu porque não havia quem nos enterrasse. — Todos os bichos morreram. — Depois de nós reduzidos a poucos, nosso capitão benzeu o mar; — depois o mar cresceu e apagou o fogo.

Os avós dos brasileiros sonharam; — na outra lua vai inchar o mar, disseram-lhes os espíritos. Quando contou-o à sua gente: estás mentindo, disse-lhe sua gente. — Então tomou o machado, — fez uma canoa grande, — alta como uma casa; para dentro da canoa levou sua comida; de noite, só com a mulher e filhos, se embarcou. — quando embarcou o mar subiu, de noite. Depois com todos os bichos morremos.¹³

Quando o mar subiu fez a areia. — passado um ano abaixou — e a areia fez-se pedra. — Depois céu e terra trocaram-se; a terra foi para o céu, o céu veio para a terra com as estrelas.

Nasceram em forma de formiga os voláteis; — depois os voláteis viraram passarinhos; — todos nós viramos bichos. — Depois, quando crescemos, aprendemos a trabalhar; — não havia mata; — depois a mata nasceu como capim. — No outro ano rebentou a fruta da mandioca no meio do campo. (Cf. Capistrano de Abreu, 1975, pp. 177-178)

Já na visão poética de Manuel Bandeira, em seu poema:

PASSADO, PRESENTE E FUTURO, o tempo não transcende, pois

Só o passado verdadeiramente nos pertence,
O presente... O presente não existe:

¹³ Esta descrição apresenta um sentido que no pensamento ocidental se diria que é dado pelo pensamento fenomenológico, pois se refere aos aspectos relacionados com a vivência e/ou existência da vida e as suas diferentes maneiras de reflexões sobre a percepção do mundo. Sem dúvida, a essência do discurso é similar a do discurso do mito bíblico sobre a Arca de Noé.

Le moment où je parle est déjà loin de moi.

O futuro diz o povo que a Deus pertence.

A Deus... Ora, adeus! (Cf. Bandeira, 1966, p. 245)

Mas as citações de Capistrano e de Bandeira servem apenas de alguns, entre os inúmeros exemplos testemunhos de historicidade transcendental. Portanto, não obsta o que vinha sendo dito no início deste capítulo que, num primeiro momento, é impossível evitar, em qualquer que seja o estudo, de se monologar com o papel. E por ser isso uma disposição exclusiva da natureza humana, é a partir desse estágio que se deve procurar interlocutores para se estabelecer o diálogo.

Este diálogo tem, entre outras funções, a de contribuir para uma ordenação coerente dos espaços nos quais se expõem os conceitos utilizados em todo o percurso da presente pesquisa, e também da compreensão do sujeito e do objeto da mesma. Por conseguinte, um primeiro capítulo traz sempre à mente, o sentimento de um madrugalar de uma noite de sono profundo, ou como se diz na roça, despertar antes mesmo dos pássaros anunciarem que o azul de um novo dia está surgindo para as pessoas restabelecerem os seus percursos cotidianos. E assim, “(...) *para encontrar o azul eu uso pássaros. As letras* [por serem a menor unidade sonora e visual da estrutura lingüística de um determinado idioma] *fizeram-se para frases*,¹⁴ e ambas para a construção da linguagem, cuja aquisição do sentidos da mesma — seja em suas representações escrita, oral ou visual — depende da capacidade perceptiva da mente humana no contexto de uma determinada realidade histórica, tal qual a definida nas primeiras linhas deste item.

¹⁴ Cf. Machado de Assis, Apud Manuel de Barros, 1998, p. 56.

1.1 O sentido da palavra no passado transcendental da linguagem

A vida do espírito tem um aspecto sensível, imediatamente apreciável. É a linguagem. Para ali converge, no homem, toda a actividade física, numa inflexão necessária, como converge para a própria consciência. A linguagem é, finalmente, o espelho das consciências, como a consciência é o espelho, quer dizer — o reflexo ou a repercussão geral da vida de relação. Por definição, consideram-se como — de carácter físicos — os processos intermediários entre a recepção das impressões sensoriais e a realização das reacções correspondentes e necessárias. (...) A característica da *psyché* humana é essencialmente socializada, e se faz como função da comunicação inter-individual. Deixasse de haver comunicação das consciências, e tudo isto, que consideramos como vida do espírito, teria cessado... (Cf. Manuel Bomfim, 1923, p.7)

Se fosse tratar este assunto com maiores detalhes como fez, por exemplo, o autor da citação acima,¹⁵ facilmente se percebe numa primeira instância, que o conjunto de fenómenos que compõem a linguagem exercem um papel central na formação e expansão de um determinado idioma, compondo assim, os conteúdos dos discursos das fontes testemunhos. E é por meio desses discursos — isto é, de acordo com a sua historicidade — que se toma e/ou produz conhecimentos sobre algo ocorrido tempo atrás no passado, cujo exemplo mínimo é a citação a seguir.

E vendo eu que, nesta diligência de encontraras coisas à custódia das Letras, conservadoras de todas as obras, a nação portuguesa é tão descuidada de si quanto pronta e diligente em feitos que lhe competem por milícia, e que mais se preza de fazer que dizer, quis, nesta parte, usar antes do ofício de estrangeiro que da condição de

¹⁵ Embora algumas das proposições teóricas de Manuel Bomfim já tenham sido superadas, de um modo geral a sua teoria ainda é muito válida, sobretudo para se conhecer o nível de discussão que se fazia no campo da psicologia, no qual ele foi, não apenas pioneiro, mas praticamente o único (hoje praticamente esquecido); no Brasil, nas primeiras décadas do século XX.

natural, dispondo-me a escrever o que eles fizeram no descobrimento e conquista do Oriente para se não perderem da memória dos homens, que vierem depois de nós, tão gloriosos feitos. (Cf. João de Barro, Apud Tarracha Ferreira, 1998, pp. 202-203)

Deste modo, o uso da palavra, diz Maingueneau,

é uma das noções “conversacional”, já que qualquer diálogo se apresenta como uma alternância do tomar da palavra por parte dos interlocutores. Entende-se por **uso da palavra** (em inglês turn-talking) o mecanismo que rege esta alternância e, sobretudo, por metonímia, a contribuição de cada participante, cada vez que tomar a palavra. Muitas vezes torna-se difícil definir o uso da palavra porque o comunicador pode emitir sinais verbais ou ~~*~~**para-verbais** sem, para tanto, tomar a palavra. **(Regulador)**. (Cf. Maingueneau, s/d. p. 105)

Também as memórias que não se perderam estão à espera de alguém que venha decodificar a palavra por meio da palavra, o que a torna peça fundamental para a expansão de certos domínios econômicos, como muitos que aconteceram na história, da Antigüidade aos dias atuais. Neste sentido, a Língua Portuguesa não foi diferente de muitas outras que por algum período, além de dominar uma boa parte do mundo, se instalou em certas regiões como adonadora¹⁶ daqueles saberes.

Quanto ao processo expansionista da língua portuguesa, vários autores já realizaram alguns estudos importantes, e um dos mais conhecidos é a História da Língua Portuguesa de Serafim da Silva Neto. Não apenas nesse, mais na maioria absoluta dos estudos nesse campo do saber, a problemática da historicidade não é aprofundada, ficando apenas na narrativa histórica do idioma e do fenômeno lingüístico em si. Raramente, encontra-se uma análise com profundidade sobre os aspectos relacionados com a historicidade da

¹⁶ O adjetivo adonadora, deriva-se do verbo adonar-se, que segundo os dicionários da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Caldas Aulete, é um verbo exclusivamente brasileiro e de uso extenso no sul do país. Significa tornar-se dono, apoderar-se de alguma coisa usando de esperteza ou velhacaria.

língua no contexto de uma economia em expansão, como a esboçada num artigo de Vânia Leite Fróes (1988, pp. 299-316), ao ressaltar quão importante foi à constituição do império lingüístico português na identificação e expansão comercial e marítima. Concepção similar é a de Sílvio Galvão de Queirós, ao tratar do mesmo tema da Vânia, a partir da análise da crônica de Zurara. Diz Sílvio, que

Na carta que mandou a D. Afonso V quando do envio da Crônica de Guiné, Zurara escreveu que este monarca desejava ver escritos os feitos do Infante D. Henrique, tio deste rei, porque "se alguns príncipes católicos em este mundo cobraram perfeição das virtudes heroicas, ele devia ser contado por um dos principaes." O cronista, aqui, expressa a vontade real em usar a vida deste príncipe como exemplo, pois, nas palavras que põe à boca de D. Afonso V, "seria erro de tão santa e tão virtuosa vida não ficasse exemplo, não somente para os príncipes que depois de vossa idade possuissem estes Reinos, mas ainda por todolos outros do mundo que de sua escritura cobrassem conhecimento", assim, Portugal teria seu nome engrandecido "e os estrangeiros trizeriam seu nome ante os olhos, com grande louvor de sua memoria.¹⁷"

Jacques Le Goff, biografando o rei Luís IX de França, depois canonizado como São Luís, apresenta neste livro magnífico inúmeras questões explicativas à compreensão da palavra na época do personagem biografado. Entre outras, a do rei dos documentos oficiais, a dos testemunhos, a das imagens e das palavras, a das palavras e o gestos etc. No referente à função da palavra naquela época, diz Le Goff:

No ambiente de um rei do século XIII as imagens e as palavras contam muito. As palavras ainda são sobretudo as palavras faladas, oral. Mais adiante ouvir-

¹⁷ (Sílvio Queirós, 1997, Primeira Parte, pp. 12, em disquete e citado com autorização do autor). Procurou-se traduzir graficamente o circuito de enunciação que demonstrasse a eficácia dos exemplos nos termos do Discurso do Paço de Avis, exemplificando-o através de uma imagem que melhor condensasse os elementos essenciais presentes na discussão desta dissertação de mestrado.

se-á São Luís falar. Porém, em razão dos progressos consideráveis da escrita nesse século, estaremos, claro, atentos aos textos". (...) Um rei, mais ainda na Idade Média, deve ser agradável a Deus e manifestar seu prestígio favorecendo a atividade artística e intelectual. Se, cada vez mais, o que é essencial no homem e na sociedade é aquilo que se tem no coração, na cabeça e na alma, demonstrá-lo é fundamental tanto no sistema de valores feudais como no sistema, em construção, do Estado moderno. Nessa realidade que produz um mundo ordenado de sinais, os monumentos e as obras são sinais eminentes. São Luís desejou, orientou, ou, ao contrário, submeteu-se à manifestação e à significação. (Cf. Le Goff, 1999, pp. 506-507)

Le Goff continua mostrando que esse é um século de transição da palavra oral para a palavra escrita, de certa forma limitada em sua maioria absoluta à esfera da corte, sobretudo, na palavra do rei. Em relação a essa questão, o autor, se baseando em estudos clássicos sobre o referido assunto, mostra que

O século XIII é a época em que as instituições, as coletividades, os próprios indivíduos dão cada vez mais importância à escrita e em que a memória fundada sobre a oralidade recua diante de documento fixado por escrito. O documento se torna cada vez mais um instrumento do governo. A monarquia, desde Felipe Augusto,¹⁸ conserva cuidadosamente seus arquivos¹⁹

¹⁸ Cf. LELLO UNIVERSAL. Verbete Philippe II ou Philippe Augusto. *Filho de Luís VII e de Adélia de Champanha, rei de França, n. em 1052, em Gonesse, m. em Mantes (1165-1223); subiu ao trono em 1180. O importante reinado d'este monarcha, enérgico e mais hábil que escrupuloso, compreende duas phases bem definidas. De 1180 a 1199, procurou triumphar de Henrique II contra quem armou os seus dois filhos, a seguir de Ricardo Coração de Leão com quem, todavia, fez a terceira cruzada. Mas após a tomada de S. João d'Acre, os dois soberanos inimizaram-se e Philippe apressou-se a regressar a França enquanto que, por instigações suas, Ricardo Coração de Leão era detido no Allemanha, pelo imperador Henrique IV. Esta rivalidade, acentuada pela derrota de Philippe em Gisors e em Fretaval, terminou com a morte de Ricardo em frente ao Castello de Chalus (1199) e o triumpho dos Capetos sobre os plantagenetas. De 1199 a 1223, a lucta continuou sobre o rei de França e João Sem Terra, sucessor de Ricardo. Tendo João mandado matar seu sobrinho Arthur da Bretanha ((1203), os bretões revoltaram-se. Philippe convocou o assassino perante o seu tribunal, para ser julgado. O tribunal pronunciou-se pela confiscação da Normandia, de Maine, de Anjou, de Touraine, do Poitou (1205). Entretanto, o papa Inocência III votou a disposição do rei de Inglaterra e encarregou Philippe de a executar; mas no momento em que o rei de França se preparava para o fazer, João submetteu-se ao papa, que ordenou a suspensão d'esse preparativo. Philippe lançou-se então sobre a Flandres, onde o conde Ferrando se pronunciou a favor de João Sem Terra e, com o auxílio das milícias das Communas, alcançou sobre este, apoiado pelos ingleses e o imperado Othão, a vitória de Bouvines (1214). Devem-se a Philippe Augusto importantes providências de ordem administrativa, judiciária e financeira, a **quarentena** do rei, a fundação da Universidade e o embelezamento de Paris que cercou de uma forte muralha, onde edificou o primitivo Louvre e activou a construção da Notre-Dame. Consolidou o poder real criando os bailios (ordens militares) e os prebostes (designação a antigos funcionários reais) encarregados, como representantes do rei, da administração local. Foi n'este reinado que se efectuou a cruzada contra os albigenses (1206-1214), em que não tomou parte activa, nem na Quarta cruzada. Philippe Augusto casou-se em primeiras núpcias com Isabel, filha de Balduino V, conde de Hainaut; enviuvando, casou-se com Ingeburg, filha de Waldemar, o **Franco**, rei da Dinamarca, que repudiou para casar com Ignez,*

cujos acervo não pára de crescer ao longo de todo o século. Novo poder, o saber que encarna o **studium** (a universidade) também produz sempre mais sob a forma escrita. Os estudantes tomam notas, os livreiros e escribas universitários, pelo sistema de **pecia**,²⁰ reproduzem os cursos, multiplicam os manuais. Os mercadores começam a recorrer aos escritos. O direito consuetudinário (direito dos costumes), como o direito romano e o direito canônico, fixa-se por escrito. (Cf. Le Goff, op. cit. p. 527)

Um aspecto óbvio, mas que deve ser lembrado, é que nenhuma palavra encerra em si um único sentido, mesmo que seja na língua mais pragmática que se possa imaginar. O próprio significado do vocábulo *palavra*, por exemplo, aparece no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, com 37 sentidos.

Nesse conjunto de disposição exposto acima, atribui-se à palavra uma representação do processo mental de um determinado indivíduo, grupo ou classe social, materializada no aqui e no agora das suas vidas cotidianas²¹, as quais, no largo do tempo passam a ser representadas na historicidade do discurso das fontes testemunhos. Quando à complexidade teórica do uso das palavras, Michel Foucault descreve como era a relação dessas com a linguagem no século XVI, dizendo que

a linguagem real não é um conjunto de signos independentes, uniforme e não, onde as coisas viriam reflectir-se como num espelho para anunciar, uma por uma, a sua verdade singular é antes uma coisa opaca, misteriosa, cerrada sobre si mesma, massa fragmentada e totalmente enigmática, que se mistura aqui e às figuras do mundo, e com elas se confunde; tanto é assim que, todas juntas, formam uma rede em que cada uma pode desempenhar, e com efeito desempenha, em relação a todas as outras, o papel de conteúdo ou de signo, de segredo ou de indicação. No seu ser bruto e histórico do século XVI, a linguagem

filha de Bertholdo de Merani no Tyrol. De Isabel teve um filho que lhe sucedeu com o nome de Luís VIII. Obs. de Geraldo Prado: -Luís VIII vem a ser o pai de Luís IX ou São Luís, personagem central do livro de Le Goff.

¹⁹ Este assunto será tratado concisamente no item 4.1 do capítulo IV deste ensaio.

²⁰ Cf. Le Goff citando Jean Destrez, *La pecia dans les manuscrits universitaires des XIII^e et XIV^e siècles*, Paris, 1935: envelhecido, mas pioneiro.

²¹ Segundo Berger e Luckmann. *A Construção Social da Realidade*.

não é um sistema arbitrário (...) A grande metáfora do livro que se abre, que se soletra e que se lê para conhecer a natureza não é mais do que o reverso visível de uma outra transferência, muito mais profunda, que obriga a linguagem a residir no mundo, entre as plantas, as ervas, as pedras e os animais. (...) Ramus dividia a gramática em duas partes. A primeira era consagrada à etimologia; o que não quer dizer que nela se procurasse o sentido originário das palavras, mas sim as «propriedades».intrínsecas das letras, das sílabas, das palavras inteiras. A segunda parte tratava da sintaxe: o seu objeto era ensinar «a construção mútua das palavras mediante as suas propriedades», e consistia “quase só na concordância e mútua comunhão das propriedades, como a do nome com o nome ou com o verbo, do advérbio com todas as palavras a que ele se junta, da conjunção na ordem das coisas conjuntas” advérbios (...) As palavras agrupam sílabas, e as sílabas, letras, porque há, depostas nestas, virtudes que as aproximam e as desunem, exatamente como no mundo as marcas se opõem ou se atraem umas às outras. O estudo da gramática no século XVI assenta na mesma disposição epistemológica em que assenta a ciência da natureza ou as disciplinas esotéricas. As únicas diferenças: há uma natureza e várias línguas; e, no esoterismo, as propriedades das palavras, das sílabas e das letras são descobertas por um outro discurso que permanece secreto, ao passo que na gramática são as palavras e as frases de todos os dias que enunciam por si mesmas as suas propriedades.(Cf. Foucault, s/d, pp. 56-58)

Já no início do século XVIII, o padre Raphael Bluteau dizia que a palavra é

Corretora, e medianeira de todo o/ genero de negocios. Com palavras se/ declarão guerra, e se assentão pazes./ Com palavras guerrea o amor, dà bata/lhas, e faz conquistas; com palavras/ communição os Doutos o seu saber./ Tabegaria²² historiada, figurada, na qual/ estando aberta, se vem as cousas, que/ nella reprezentão, estando dobrada,/ nada se enxerga. Assim a definio The/mistocles. Declaração do em que o/ homem cuida, a qual tem por fundamen/to a razão, e por fim o bem do proximo,/ e a gloria de Deos. Carro, que leva os/ pensamentos do homem: Destes car{ros} [?]/ uns são carregados de mel, e são as pa/lavras brandas, lisonjeiras, mentirinhas/ officiosas, e frases mellifluas²³; outros/ são carregados de vinagre, e são as pa/lavras asperas, picantes, affrontosas, e/ malediças. Dom de Deos, particular/mente ao homem, mas muy arriscado, e/ perigoso. Não ha cousa melhor para a/ tranquillidade da vida, do que o falar/ pouco, e o cuidar muito. O nimio [excessivo, demasiado, sobejo] a/lar de Eva estragou o misterio da inno/cencia; o da Redempção tomou bom/caminho pela vereda do Silencio: Dum/ medium filentium tenerent omuia ~~*~~, ~~**~~ [?]. Os/ cães da inveja, `q só a leões se arremeção/ em descobrindo a fera, não ladraão como/ os mais, para que o estrondo não espan/te, e faça fugir a caça. Até o louco quan/do está callado, parece sabio. (Cf. Bluteau, verbete palavra)

No século XX, o etnólogo francês André Leroi-Gourhan, ao estudar a relação entre técnica e linguagem nas sociedades primitivas, apresentou o seu conceito que se tornou referência obrigatória nos estudos teóricos de história, antropologia, etnologia, filosofia e sociologia da ciência e da técnica. Nos seus estudos clássicos sobre a organização social da produção em comunidades primitivas e a interação dessas com os saberes técnicos, afirma que

é graças a essa organização que o espirito, como um músico, produz em nós a linguagem e nos tornamos capazes de falar. Este privilégio jamais o teríamos, sem dúvida, se os nossos lábios tivessem de assegurar, para as necessidades do corpo, a carga pesada e penosa da

²² Cf. Faria, verbete tabegaris. Pobreza.

²³ Palavra não encontrada nos dicionários consultados.

alimentação. Mas as mãos chamaram a si esse cargo e libertaram a boca para o serviço da palavra. (Cf. Leroi-Gourhan, 1984, p. 31)

Os exemplos acima demonstram que em qualquer época as palavras, quando olhadas pelo ponto de vista da sua historicidade, têm as suas condutas próprias e as suas características gerais na representação de um objeto pelo pensamento. Segundo Bluteau, o pensamento é a região do corpo humano onde se realizam as

Operações da potencia cogitativa./ Expressões do entendimento. Palavras/ da Alma. Vozes do coração. Nuvens,/ que os ventos das nossas paixões levão/ de huma parte para outra. Ondas, que/ no mar da imaginação se amontoão hu/mas sobre outras, e se desfazem de si/ mesmas. "Exhalações" do coração do/ qual, como de hum Thuribulo, evapo/rão fumos da natureza dos pòs que nel/les deitarão. Se pelos olhos, ou por ou/tros sentidos se insinuarem objectos/ vãos, especies immundas, e torpes, não|poderão exhalar* fragancias de bons/ pensamentos. Parto mental, pela ma/yor parte mal organizado, e deforme,/ porque sem feições proprias da razão, e/ da verdade. Viboras ingratas, e crueis, que apenas formadas rasgão o ventre, /que as gerou. Verdugos da mãy, que os/ ppario; pensamentos humildes, e bay/xos deshonorão a mente, ambiciosos a/ inquietão, lascivos a çujão, vãos a/ desfanecem, soberbos a inchão, iracun/dos a embravecem, maliciosos a prover|tem. • Ventos muitas vezes contrarios/ ao curso da vida humana. He o juizo do homem no caudalozo, e rapido, que/ para bem houvera de ter para Deos a/ corrente, mas se os ventos dos pensa/mentos o não deixão desembocar no/ Oceano da Divina Bondade, forço/samente ha de retroceder tão cheyo, e/ empolado, que não será possivel que/ torne a tomar assento, e accommodarse/ no seu leito (Cf. Bluteau, verbete palavra).

Claro que Bluteau concebia tanto o pensamento quanto a palavra como dotes divinos, logo, estáticos, e tal concepção não poderia ser diferente dada a sua formação teórica. De forma análoga a isto, Aristóteles talvez tenha sido o primeiro pensador da história da cultura humana que procurou formular um conceito sobre a representação das palavras. Partindo do seu esboço preliminar sobre

tais aspectos, é possível perceber que as palavras reproduzem as *imagens* do pensamento humano, as quais são materializadas pela representação gráfica das letras, que são, na realidade, as *imagens* das palavras.²⁴ Por essa razão, é praticamente impossível a mente humana registrar todas as representações de um objeto pelo pensamento. Por exemplo, se tomarmos a palavra *indústria* ou *agricultura* veremos que elas têm, ao menos, uma dezena de representações diferentes.

O lingüista francês Émile Benveniste (1991, pp. 371-381), por exemplo, dá uma importância muito grande à historicidade da palavra, atribuindo ao seu conterrâneo historiador, Lucien Febvre, o mérito de ter esboçado um conceito da palavra civilização para o enriquecimento do léxico francês. Já para o seu conterrâneo Roland Barthes, ao relacionar a palavra no âmbito do ofício do escritor, diz que esta

não é nem um instrumento, nem um veículo: é uma estrutura, e cada vez mais nos damos conta disso, mas o escritor é o único, por definição, a perder sua própria estrutura e a do mundo na estrutura da palavra. Ora, essa palavra é uma matéria (infinitamente) trabalhada; ela é, de certa forma, uma sobre-palavra, o real lhe serve apenas de pretexto (para o escritor, **escrever** é um verbo intransitivo); disso decorre que ela nunca possa explicar o mundo, ou pelo menos, quando ela finge explicá-lo é somente para aumentar sua ambigüidade: a explicação fixada numa obra (trabalhada), torna-se imediatamente um produto ambíguo do real, ao qual ela está ligada **com distância**, em suma, a literatura é sempre irrealista, mas é esse mesmo irrealismo que lhe permite freqüentemente fazer boas perguntas ao mundo – sem que essas perguntas possam ser diretas; tendo partido de uma explicação teocrática do mundo, Balzac finalmente não fez outra coisa senão interrogá-lo. (Cf. Barthes, 1970, pp. 33-34)

²⁴ Uma síntese bem sistematizada sobre a semântica moderna das palavras encontra-se em NEF, Frédéric. *A linguagem, uma abordagem filosófica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

Nessa mesma seqüência de argumentos, diz Bachelard (1989, p. 8), que para Maxime Alexandre a palavra *busca* a ação, enquanto que para Lautréamont a palavra *encontra* imediatamente a ação. O filósofo e biólogo chileno Maturana, afirma também que

as palavras são nós de coordenações de conduta nas redes de conversações de que participam, e têm sentido ou significado nas condutas e emoções que coordenam como elementos da linguagem, de modo que diferentes palavras coordenam diferentes condutas e emoções. Por isso, nunca se dá o mesmo uso de uma palavra a outra em uma cultura, e se se quer conhecer o significado de uma palavra, tem-se que olhar as condutas e emoções que ela condensa, assim como o domínio em que tais condições ocorrem. (Cf. Maturana, 1997, p. 116)

1.1.1 O significado sintáxico da palavra no contexto da historicidade do discurso das fontes testemunhos, especialmente as usadas neste ensaio

Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco;
ao ponto de ninguém e de nuvem.
Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida na
Sarjeta.
Sou mais a palavra ao ponto de entulho.
Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las
pro chão, corrompê-las
até que padeçam de mim e me sujem de branco.
Sonho exercer com elas o ofício de criado:
usá-las como quem usa brincos. (Cf. Manuel de Barros
Arranjos para Assobio, p. 19)

O que se pretende com essa matéria sobre a palavra é utilizá-la no seu significado sintáxico, semântico e textual, não apenas como o objeto que ela representa — conforme defende os *formalistas* de inspiração neo-positivista, como Wittgentein,²⁵ em sua *Investigação Filosófica* — mas na interação entre o objeto e o sujeito

de um dado conhecimento. Mas sobre isto não basta apenas querer aplicar *corretamente* as inúmeras regras e normas gramaticais para se escrever um texto livre dos *ruídos lexicológicos* exagerados. A dificuldade real está na forma de distribuir essa lógica natural dos significados e/ou conceitos das palavras nas frases, períodos, sentenças, parágrafos, capítulos e, finalmente, no texto completo que é, em última instância, a compreensão da complexidade daquele objeto que se constituiu no processo de interação da *busca* e do *encontro* da ação das palavras. Como existe uma infinidade de interpretação sobre o referido assunto, cita-se apenas alguns exemplos, a começar pelo campo da economia marxista, tomando o significado da palavra *indústria*, segundo Engels, que vai dizer ser tudo,

desde que não inclua agricultura e artesanato, está compreendido no termo manufatura, e, com isso, se apaga a diferença entre dois períodos da história econômica, importantes e essencialmente diversos: o período da manufatura propriamente dita, baseada no trabalho manual, e o da indústria moderna, fundamentada na maquinaria. Uma teoria que considera a moderna produção capitalista mero estágio transitório da história econômica da humanidade tem, naturalmente, de utilizar expressões diferentes daquelas empregadas por autores que encaram esse modo de produção como imperecível e final (Cf. Engels in Marx, 1994, p. 27)

De jeito similar, pode ser aplicado o exemplo acima a palavra *agricultura*, segundo se encontra no Vocabulário Bluteau, que significava

a cousa concernente a terra de lavradio. Lei Agraria - repartição de certas terras que se distribui com o povo e com os soldados. A arte de cultivar a terra e o officio do primeiro Monarca do mundo. Foi antigamente tão estimada, que era o mais delicioso exercicio dos Principes Persianos e Romanos. Cyro, Rey da Persya, fazia gala das flores que regava, e das ortalijas que

²⁵ As duas principais obras de Ludwig Wittingstein, "Tratado Lógico-Filosófico" e "Investigação Filosófica" tratam quase que exclusivamente dos fundamentos filosóficos da palavra apenas como representação e não como conceituação do objeto por ela representada.

cultivava. Dioclessiano, e Attalo renunciando o Imperio, abaterão a Magestade e o arado. (...). Dos legumes que semeavam e colhiam, os ramos tornavam titulos, e happecidos honorificos; das favas, seraõ chamados os Fabios; das Lentilhas, os Lentões; da Ervilhas chamadas em Latim Pisa, os Pisões. (Cf. Bluteau, Op. cit. verbete agricultura).

O professor Ruy Gama²⁶, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (recentemente falecido), identifica em seu clássico livro *A Tecnologia e o Trabalho na História*, trinta e sete conceitos de tecnologias nas línguas inglesa, francesa, alemão e portuguesa, sendo que nesta última aparece apenas com cinco. O autor ainda ressalta que o uso dessa palavra na língua portuguesa é bem recente, ou seja, começa praticamente no início do século XIX. Em toda a historiografia brasileira do período colonial analisada neste estudo, a palavra *técnica*, no sentido do conjunto de conhecimento para produção de um determinado objeto, só aparece uma única vez, e assim mesmo em uma obra escrita por um poeta inglês Robert Soutney. O autor escreveu esta obra a partir de relatos de viajantes que escreveram sobre o Brasil dos séculos XVI e XVII, publicada em inglês, na Inglaterra, nas primeiras décadas do século XIX com o título de *History of Brazil*. O autor ao dissertar sobre a importância da mineração no cenário produtivo do Novo Mundo, fala sobre a palavra tecnologia como sendo um fenômeno que surgiu quando os *donadores*²⁶ da ex-maior colônia portuguesa

uma vez principiou a servir-se de linguagem técnica dos mineiros, deixa de pensar em mais nada: a primeira tentativa, por mais que ele se proponha que não passará de um ensaio, imprimi-lhe inalterável direção a todo resto da vida. Libou²⁷ a taça envenenada, ouve e repete o ditado de que depositou Deus na terra os metais preciosos para os predestinados a serem os felizes descobridores, e aplicando-o assim mesmo, jura não deixar perder a sua

²⁶ Advérbio derivado do verbo adonar-se.

²⁷ Cf. LELLO UNIVERSAL. Verbetes libar. Fazer libações em honra dos deuses. Beber, chupar. **As borboletas libam o néctar das flores.** Figurar. Gozar, experimentar.

fortuna, e a empenha na cata todos os seus meios. (Cf. Southey, 1977, p. 47. V.3)

E, assim, existem muitos outros exemplos sobre as mudanças na própria estrutura da palavra, e esta em relação à frase. Existem estudos no campo da lingüística procurando demonstrar que, conforme a sociedade vai mudando, a estrutura da vai ficando mais curta, assim como também no plano gramatical, um conjunto significativo de palavras, em especial os substantivos, vai mudando os seus conceitos à proporção das transformações sociais²⁸.

No âmbito do regionalismo brasileiro, é comum encontrar a mesma palavra em várias regiões, em particular no meio rural, com sentidos diferentes. Muitos exemplos existem, mas toma-se aqui alguns deles que são, de fato, ilustrativos. A palavra *canjica* significa, na região ribeirinha do alto e médio São Francisco, *doenças de porcos*, enquanto que em quase todo o Brasil significa uma comida feita de milho. Esta, também, varia de região para região. Nos estados do Norte e do Nordeste, ela é feita de milho verde com leite de vaca ou de coco, que é a mesma conhecida nos estados do Sudeste, Centro-Oeste e Sul, por curau. Também a palavra *pauta*, que na linguagem oficial culta e popular significa uma página escrita segundo padrões pré-determinados, na mesma região do São Francisco quer dizer:

Pacto aliciativo que os remeiros e pescadores fazem com a mãe-d'água para lhe abrandar a ira e tomá-los sobre proteção. Temeroso da maldade do duende, o sertanejo cuida de lhe comprar a benevolência enviando-lhe, dentro de uma cabaça ou garrafa dinheiro, comida, orações. Atirada a cabaça ou garrafa ao rio, este se encarregará de levar a encomenda ao seu destino e ele descansa, crente de que obteve o que

²⁸ Em relação a este último aspecto, são poucos ainda os estudos existentes. Na busca bibliográfica feita para esta tese, encontrou-se apenas um único estudo mais sistematizado, realizado em 1991, por Weyne Danlerson e Dominic Lasorsa (1991, pp. 5-12). Esses autores apresentam uma análise semântica da estrutura filológica da língua inglesa mediante a seleção de um grupo de várias frases longas compostas de muitas palavras. Grosso modo, essas frases constituem-se no sistema de representação dos meios de comunicação, de informação e de poder das classes cultas do Velho e do Novo Mundo, durante os séculos XVI ao XVIII

desejava. Chama a isto pauta, que é uma definição de pacto. Quem viaja pelo rio encontra a cada passo, dessas pautas boiando correnteza abaixo. (Cf. Trigueiros, 1977, p. 130)

Espreita-se que na estrutura formal da linguagem as diferenças são marcantes, tanto na distribuição das palavras na frase e a das frases no discurso (sintaxe), quanto na harmonia da pronúncia das palavras naturalmente acentuadas (prosódia). A diferenciação entre a linguagem culta e a linguagem popular é uma espécie de ato repercutivo no pensamento das pessoas em relação à visão que têm de si própria, do seu meio social específico e daquelas partes do mundo que lhes são alheias. Dois exemplos sobre estes aspectos são apresentados a seguir. O primeiro é um depoimento de uma menina²⁹ moradora na roça e que fazia o curso primário em uma escola leiga e de classe única³⁰, no município de Ouricuri, Pernambuco. Na entrevista, gravada em maio de 1982, fez-se uma pergunta sobre o que ela achava da importância da educação e a resposta foi a seguinte:

u qui eu mais gosto na vida é di quatro coisas: brincá, plantá, cuiê fulô i aprendê a lê. A minha maió alegria é brincá i cuiê fulô i a minha maió tristeza é vê as fulô morrê i pru mode a gente grande num si importá di dá valô as fulô ou por farta d'água, i a seca também mata as fulô i a outra coisa qui eu gosto é ir prá escola . Eu vou prá escola mode meus pai num batê in eu i pra mode eu brincá cum as minhas amigas na ora du recreio, i prá mode eu aprendê a lê prá num sê ignorante i ignorada, i quando a gente fô na cidade sabê falá, i prá mode intendê u qui a televisão fala. Mais a escola num é boa mais é boa. Num é boa pruquê a professora é tabaroa i num sabe falá i fala gaguejando. Quando nós num sabe a lição, ela bota nós de castigo ajueiada in riba de dois caroço di mio, aí nós se revorta i quando chega in casa, inveis de us nosso pais miorá nós pra mode nós miora ele, eles fica

²⁹ "Depoimento de uma menina de 14 anos de idade que estava cursando o 2º ano primário numa escola de classe única, em uma roça no interior do município de Ouricuri, Pernambuco. O Depoimento gravado em fita em maio de 1982." Citado em PRADO, Geraldo Moreira, 1983, pp. 393-395.

³⁰ As turmas eram distribuídas por filas de bancos. Na primeira fila sentavam-se os alunos do ABC, na Segunda os da Cartilha e, assim, sucessivamente até a última fila do 4º ano ou quarto livro de leitura, segundo explicou a professora e dona da escola.

contra nós i bota nós de castigo, de juieio incima de dois caroço de mio. Eles é igarzinho a professora, i bate in nós i a gente daqui num sabe respeitá as criança, i aí cuma tá num vai inducá ninguém, pru mode a professora botá nós de castigo lá i us nosso pai botá de castigo cá, i a pessoa num aprende pru causa de sê burro, ninguém nasce burro. Mais assim a pessoa termina sainda da escola, praque hoje tá tudo mudado, nós qué vivê diferente dos nosso pai, nós qué intendê u qui a televisão e u rádio fala, i us nosso pai qué que nós aprenda cuma eles aprendeu, i us nosso pai qué qui nós aprenda a pulso, i nós que aprendê i qué trabaiaá na roça, plantando feijão, mio, mandioca, jerimum, macaxeira i batata, i cuiê tudo isso que tá aí qui Deus nus deu. Nós qué vivê mió du que us nosso pai veve, i assim nós pode casá i tê fios, e tê uma famia trabaiaando na roça cuiendo fulô vremeia, maracujá ei tudo qui nós plantá. (...) U marido deve sabê tratá da famia, i nós num qué continuar cuma tá, cuma era antes dus meus pai, ingnorante, anarfabeto, amarelo, barrigudo, feio i muito pobre i atrasado cuma meus pai qué que a gente viva, assim cuma eles viveu.... (Cf. Prado, 1983, pp. 397-400)

O texto a seguir é a resposta da professora (leiga) da aluna acima mencionada, também sobre educação. Ela se referiu, em quase todo o seu depoimento, sobre a importância de se escutar o rádio na roça. Dizia assim a entrevistada:

quando tem um programa de rádio bom, cuma a Hora do Brasil, ou as notícias da agricultura que os téco da EMBRAPA fala, dando instrução para mode cuiê, plantá, limpá e adubar a terra, e depois da história que eles conta vem a Santa missa ou arguém cum as palavras de Deus, eu boto os meninos prá escutá, praquês eles aprendem mais do que cum as minhas aula, pru mode ser melhor pra eles aprendê a trabaiaá. As minhas aulas são boas, mode eles aprender a lê, mais os programa do rádio é mio pru mode eles aprendê a trabaiaá com os instrumentos que os homem do rádio ensina eles usá, e também eles aprende a falá melhor. Quem tem interesse aprende pelo rádio e fica sabendo falá direito com os home cuma o sinhô, qui vem aqui querer melhorá a região. (...) Eu bato nos meninos prá mode eles aprenderem, praquê eles num qué aprendê mesmo. Eu quero ensiná tudo o que eu sei, o que aprendi na escola. Eu só tive três anos de escola primária, eu estudei em Lagoa Comprida, meu pai

trabaiva lá na CODEVASF, nós fumos prá lá mode papai, mamãe e os meus irmãos mais véios pudê trabaiaem na irrigação. Lá eu aprendi a lê praque eu tinha interesse, e eu apanhava de parmatora da minha professora. A minha professora era muito boa prá ensiná e batia em nós prá mode nós aprender a ler e a respeitá os mais veios. (...) Eu ganho pouco mais gosto do que faço. Eu dou todas as materas da escola, da carta do ABC até o 4º livro de leitura (corresponde ao 4º ano primário). E os livros é bons, são a Prefeitura qui manda prá nós dá prus alunos. Nos livros, de História do Brasil, Geografia e Educação Moral e Cívica, é bom praquê nós, eu e os alunos, fica sabendo um bando de coisas bonitas do Brasil. Tem o livro do aluo e o livro do professor que é igual ao do aluno. A gente fica sabendo quem é o Presidente, quem descobriu o Brasil, e que o Brasil era habitado por índio, e que os índios daqui era bens com os portugueses, e ajudaram muito os portugueses. (...) A gente aprende muitas coisas, prende qui hoje nós num vive mais isolado do mundo cuma antes. Nós hoje temos televisão até aqui na roça, graças ao presidente Médici e ao governador Marcos Maciel. Eles tirou o país da miséria e o pais num veve mais isolado cuma era antes quando era mandado pelos os português, e cuma era antes quando tava querendo ser mandado pelos comunistas. Eu me alembro. Ainda antes de mi casar nós morava na vila e todo mundo dizia que o comunismo vinha prá cá e nós rezava prá mode num vim praquê o comunismo acabava com tudo, e si tivesse vindo, num sei cuma seria hoje. Num tinha emprego, talvez não tivesse mais padre e tava todo mundo daqui do sertão, arnafarbeto. Num tinha mais igreja e nós num sabia onde o país estava hoje. Mas graças a Deus e os homens de Exército, nós tá sarvo. E eu fiquei sabendo qui nós támo sarvo pru mode os livros que a Secretaria de Educação manda prá nós distribuir e ensiná aqui na escola (...) (Idem ibidem)³¹

Exemplos desta natureza são infinitos, e os aqui apresentados têm por objetivo expor à vista como o presente abrilhanta-se ainda do passado, não apenas no nível da estrutura da linguagem, como a apresentada acima, mas no nível da estrutura

³¹ Depoimento da professora da escola referida anteriormente. Citado em PRADO, Geraldo Moreira, 1983. Entrevista gravada em fita em maio de 1982. Uma análise mais detalhada destes dois depoimentos encontra-se em PRADO, Geraldo Moreira. Saber e Desenvolvimento Agrícola.... Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Agrícola, defendida em 23 de agosto de 1983, no Centro de Pós-

ideológica expressa no sentido dos discursos dos testemunhos citados. Em síntese, um bom exemplo é, de certa forma, a análise sobre a complexidade do saber agrário brasileiro atual. Este sistema apesar da modernidade tecnológica dos últimos anos no campo brasileiro ainda não rompeu totalmente com algumas *afeições* do seu passado transcendental, o que significa que isto se explica através do fenômeno da transmutação. E o que salta à vista para se ter essa compreensão é a palavra, portanto, reforçando o que inúmeros autores já afirmaram, ela não é algo estático e se concretiza não apenas em relação à ação individual, mas sim na interação da organização social da produção econômica e do saber em espaço e momentos históricos determinados. Desse modo, tanto a palavra escrita quanto a oral, são atributos especiais de externar o real caótico que se encontra nos cérebros das pessoas. Sobre este aspecto, diz Vigotski que

toda palavra é uma teoria; a denominação do objetivo é o conceito que a ele se aplica. É verdade que com a ajuda das palavras queremos interpretar os objetivos. Mas é que cada denominação, cada utilização da palavra, desse embrião da ciência, constitui uma crítica da palavra, um desgaste da sua imagem, uma ampliação de seu significado. Os lingüistas demonstraram com toda clareza como as palavras variam com o uso; caso contrário, a língua não se renovaria nunca, as palavras morreriam, mas nasceriam, não envelheceriam. (Cf. Vigotski, 1996, p. 239)

Quanto ao tamanho do texto construído pelo movimento interativo das palavras, não importa que o seja breve ou longo, mas que tenha coerência nas suas idéias e que o seu conteúdo proporcione o mínimo de novidade ao tema tratado. Pode ser uma tese, um relatório de pesquisa, um manual, um romance, uma novela, um conto ou mesmo uma correspondência qualquer. É

através destas manifestações que se *materializa* uma idéia, uma vez que se aplique, coerentemente, o método apropriado do significado das palavras articuladas no contexto de uma linguagem, segundo diz Vigotsky, "(...) *como conhecimentos concretos, historicamente vivos*". (Idem, p. 210) Sobre tais fatores, diz Turner (citando Vigotsky):

*o significado de uma palavra representa um amálgama tão concentrado de pensamento e linguagem, que é difícil dizer se é um fenômeno da fala ou um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério de **palavra**, seu componente indispensável. Assim, poderia parecer que é lícito considerá-lo um fenômeno da fala. Mas, do ponto de vista Psicologia, o significado de toda e qualquer palavra é uma generalização ou um conceito. E como generalização e conceitos são, indiscutivelmente, atos do pensamento, podemos considerar o significado um fenômeno do pensamento. Não se segue, porém, que o significado pertença formalmente a duas esferas diferentes da vida psíquica. O significado verbal só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está consubstanciado na fala, e só é da fala na medida em que a fala está vinculada ao pensamento e por este iluminada. É um fenômeno de pensamento verbal ou de fala significativa – uma união de palavra e pensamento. (cf. Turner, 1976, pp. 112-113)*

Bakhtin, avançando um pouco mais nesse campo de estudo, diz que

as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o **indicador** mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mas efêmeras das mudanças sociais.. (Cf. Bakhtin, 1992, p. 41)

Ainda de uma perspectiva da mudança do significado conceitual da palavra no contexto do conhecimento histórico, Lucien Febvre faz a seguinte invocação:

tomemos somente os outros, não para analisar o conteúdo total de suas consciências, não é ofício nosso. E eu disse consciência, mas trata-se, naturalmente, de moral, de consciência moral. Precisaríamos sondar somente os corações e os rins, mas os cérebros, inventariar seus conteúdos... Não é nosso negócio. Nosso negócio é simplesmente esse problema que a vida colocou para uma história desejosa de vida, serva da vida, discípula da vida, observadora da vida: as palavras que falam a uns e a outros, a estes e a aqueles, estas palavras que, pelo menos em grande parte, eram as mesmas, o que significavam na verdade? Qual é a sua ressonância profunda? Como todas as palavras dessa espécie, como todas as palavras que falam fortemente aos homens, palavra-força para retomar uma expressão que há cinquenta anos teve seu momento de sucesso, elas têm um passado histórico. Elas só chegam até nossos ouvidos carregadas de história, pesadas de história. É precisamente este passado histórico que nos interessa, a nós historiadores. É este passado histórico que é preciso ser reconstituído. É este passado histórico do qual talvez nada sei, partindo da hipótese de que me coloco na origem da pesquisa, na posição neutra que é a do observador, que lançará sobre as decisões daqueles que ontem escolheram ou submeteram-se – mas submeter-se é escolher, não nos deixamos enganar pelas palavras – uma luz que talvez, possa esclarecer se não tudo, pelo menos quase tudo sobre suas condutas, seus comportamentos em meio de uma crise mais grave que a história poderia conhecer e estudar. (Cf. Febvre, 1998, pp. 52-53)

No campo da representação abstrata da palavra, Gordon Childe afirma que

toda palavra, por maior e mais material que seja seu sentido, tem um caráter algo abstrato. Pela sua própria natureza, a linguagem implica uma classificação. Praticamente, por exemplo, aprendemos a imitar com precisão e com detalhe uma determinada série de movimentos de manipulação. Pela explicação, podemos aprender quais os movimentos a executar, mas teremos ainda uma certa margem de variação. (Cf. Childe, 1981, p. 15)

Sobre as citações feitas nesta tese, são levadas em consideração a harmonia das particularidades históricas que acompanham os fatos enunciado regedores nos discursos das fontes testemunhos. Ao considerar tais aspectos, está demonstrando ao mesmo tempo que as palavras têm, sem dúvida, o seu lugar próprio no sistema da linguagem em toda e qualquer época histórica.

Naturalmente, uma expressiva parte delas muda o seu significado e/ou conceito no decorrer do tempo. Uma outra parte continua praticamente inalterada, uma pequena desaparece por completo, enquanto outra parcela nasce lentamente, ou segundo o ritmo do processo das mudanças sociais³². Portanto, o objetivo de insistir falando sobre a importância do significado da palavra no presente estudo tem a ver com a forma pela qual esta disseminava a comunicação dos saberes em discussão no período aqui estudado. Mas este, é um campo de pesquisa ainda praticamente inédito, em especial, no conjunto dos estudos da cultura brasileira, o que foi muito bem lembrado por Peter Burke, ao dizer

até onde sei, há poucos trabalhos mais completos, sendo o mais recente o de autoria de José Honório Rodrigues (The Victory of the Portuguese Language in Colonial Brazil" in Empire in Transition, editado por editado por ^a Hower e R. A., Preto Rodas (Gainesville, 1985, p. 3364, cf. S. da Silva Neto, "Le Portugais dans le nouveau monde", em seu Ensaios de filologia portuguesa (São Paulo, 1956), p. 39-68). Seu ensaio contém muitos aspectos interessantes sobre a relação entre o Português e as diversas línguas africanas e indígenas no período colonial, mas deixa muito por ser

³² De certa forma, isto foi verificado também no presente estudo, após o levantamento de 256 vocábulos de 'A' - 'Z', sobre conceitos diversos e que fazem parte do contexto deste ensaio. A base de coleta desses dados foi a própria documentação pesquisada, e depois confrontada com três dicionários clássicos de épocas distintas: o primeiro dicionário da língua portuguesa, o *Vocabulário Portuguez Latino do padre Raphael Bluteau*, 1702 - 1713; o *Novo Dicionário Luso-Brasileiro Lello Universal*, s/d, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e com a *História da Língua Portuguesa* de Serafim da Silva Leite Neto. O resultado computado da presente pesquisa vem demonstrado que mais de 16% dos significados desses vocábulos foram totalmente alterados. Uma média de aproximadamente 47% sofreu pequenas alterações (aperfeiçoamento); uma outra média de 19% manteve-se praticamente inalterada; 8% desapareceram totalmente; 5% são totalmente novos. Considerou-se 3% como margem de erro.

feito, no que diz respeito a uma história social da linguagem no Brasil. (Cf. Burke, 1993, p. 11)

Em síntese, o interesse de sistematizar as questões apresentadas no presente capítulo é — mediante a compreensão da complexidade do emprego das palavras na construção teórica do sentido do discurso das referidas fontes — , a posto de advertir sobre a ação/relação comunicativa entre os diferentes atores que compunham a estrutura social daquele ambiente agrário/pastoril (Portugal/Brasil), nos séculos supracitados. E, assim, não há dúvidas que em relação àquele período, a compreensão sobre significados e conceitos das palavras escritas representa, *grosso modo*, a estrutura lingüística socialmente disseminada mediante estilo e tempo narrativos próprios do momento em que fora construída.

Uma outra parte das mesmas fontes, também usada nesta tese, refere-se à documentação visual,³³ as imagens. A importância das imagens em um trabalho que apresenta alguma vinculação com a história, assimila-se ao que Luiz Flávio de Carvalho Costa demonstra em seu estudo *Paisagem urbana – um estudo regional sobre fotografia*. As imagens que o autor usa para ilustrar o seu estudo denotam não apenas uma sensibilidade temporal sobre uma realidade histórica específica, mas sobretudo revela o enriquecimento de um determinado trabalho, quando usadas como fonte testemunho. O próprio autor demonstra que em trabalhos dessa natureza,

ao compulsá-lo, o leitor de imagens terá percorrido um período da história de uma cidade em profunda mudança e verá um povoado rural ruralizado transformando-se, com base na economia agrária, em uma paisagem urbana com sociabilidade então desconhecida. (Cf. Carvalho Costa, 1999, p. 78).

Num plano mais teórico, um estudo sistematizado sobre o conceito e o uso de imagens em trabalhos históricos está no livro de

³³ NB.: As ilustrações citadas nesta tese estão baseadas na Lei ?

Bela Feldman-Blanco, Míriam L. Moreira Leite e outros.³⁴ Cabe ainda ressaltar que, nos aspectos mais formais, o conceito de imagem trabalhado por esses autores é uma espécie de sistematização dos conceitos apresentados pelos dicionários e enciclopédias consultados.

A seguir são apresentados mais quatro pinturas de um mesmo autor do século XVII, como exemplos que a força de uma imagem, segundo o olhar de quem a fez, tem como testemunho de um processo de transmutação civilizatória,

³⁴ O conceito de imagem usado neste estudo baseia-se no livro organizado por Bela Feldman-Blanco e Míriam L. Moreira Leite *Desafios da Imagem. Fotografia, iconografia e vídeos nas ciências sociais*, e no de Roland Barthes. *Câmara Clara*.



Figura 7. Europa³⁵

Moraes Belluzzo diz que o autor representou a Europa nesta quadro, "(...) como parte de um conjunto que representa os quatros continentes. Nesta obra, Roma é o painel principal rodeado pelos dezesseis menores." (Idem, Op. cit. p. 140. Sobre a concepção do mundo dividido em quatro continentes será analisada a partir do capítulo V deste ensaio, também apresentado exemplos visuais, como alguns mapas dos século XIII ao início do XVI.

³⁵ Figura 7. Europa 1664. Jan Van Kessel. Óleo sobre cobre, 48,5 x 67,5 cm (Painel principal) e 14,5 x 21 cm, (Painéis menores). **Bayrische Staatsgemädeammlunger, Munique, Alemanha. In: Moraes Belluzzo, 1994, p. 140.**



Figura 8. ~~Ásia~~ÁFRICA³⁶

Neste quadro, diz a autora acima citado, a "(...) Ásia é parte de um conjunto que representa os quatros continentes. Nesta obra Jerusalém é o painel principal, circundado por dezesseis menores". (Idem, p. 141) A concepção que mistura Ásia com Jerusalém aparecerá também nos capítulos V, VI e VII deste ensaio, sobretudo na parte referente ao uso dos instrumentos de marear.

³⁶ Figura ~~8~~-8. Ásia. Jan Van Kessel. Óleo sobre cobre, 48,5 x 67,5 cm (Painel principal) e 14,5 x 21 cm, (Painéis menores). **Bayrische Staatsgemädeammlunger, Munique, Alemanha. In: Moraes Belluzzo, 1994, p. 141.**



Figura 9. África³⁷

Da mesma forma que os demais, a autora continua descrevendo os motivos deste quadro dizendo que a “(...) África é parte de um conjunto que representa os quatros continentes. Nesta obra, o Templo dos ídolos é o painel principal, circundado por dezesseis menores.” (Idem, ibidem)

³⁷ Figura 98. África. Jan Van Kessel. Óleo sobre cobre, 48,5 x 67,5 cm (Painel principal) e 14,5 x 21 cm, (Painéis menores). **Bayrische Staatsgemädeammlunger, Munique, Alemanha. In: Moraes Belluzzo, 1994, p. 141.**



Figura 10. Amerique, 1666³⁸

Por fim, a autora mostra neste quadro, que o grupo de figuras americanas tem ao centro a alegoria intitulada Paraíba no Brasil, também situada em âmbito europeu. Nesta imagem, Jan Van Kessel interpreta argumentos já conhecidos sobre os povos brasileiros, encontrados nas contribuições holandesas sobre o país. Refiro-me, particularmente, à construção da visualidade do Brasil através das várias nações: o negro com ornamento indígena sentado no chão, a índia branca com seios descobertos sentada ao seu lado e, quem sabe, uma figura asiática, que entra dançando pela porta, acompanhada de músicos. (...) Cada uma dessas figuras adultas tem correspondência em uma criança. Além disso, em cada uma das três pinturas alinhadas junto à margem direita do quadro está a menção a cada uma das três estirpes. Na parede de fundo, esculturas indígenas edificadas em escala natural preenchem o vão dos nichos, deixando ver a distância um forte na paisagem. (Idem, p. 138)

³⁸ FIGURA 10. Amerique, 1666. DE Jan Van Kessel. Óleo sobre cobre, 48,5 x 67,5 cm. (Painel principal) e 14,5 x 21 cm (painel menores). Bayrische Staatsgemädeammlunger, Munique, Alemanha. In: Moraes Belluzzo, 1994, p. 137.

O silêncio do sentido do discurso imagético, como os exemplos acima demonstram é, segundo foi definido na Introdução, transcendente, enquanto o discurso em si é uma peça fixa que se situa na sua prisão natural do espaço textual de um de um dado testemunho. Mas o discurso imagético, tem uma outra característica que não está no discurso escrito ou oral. Enquanto nestes o silêncio é percebido pelo enunciado verbal, o imagético tem, além deste, a percepção visual. Embora o que foi dito acima seja importante, uma vez que nesta tese vai se trabalhar também com testemunhos visuais, não se pretende fazer neste capítulo um estudo isolado sobre a mesma, pois isso poderá correr o risco de cair numa trincheira reducionista de certas teorias da Análise, embora essas não serão, de forma alguma, utilizadas nesta tese.

E, por isso, conclui-se este capítulo para esclarece que a opção de trabalhar com a Teoria da AD toma por base, em primeiro lugar, a linha da escola francesa de Pêcheux, Gadet e seguidores, representada no Brasil por Eni Orlandi, da UNICAMP, SP. Deve-se esclarecer, ainda, que para essa corrente teórica a representação dum objeto através da AD é inflexível à Teoria da Análise de Conteúdo (AC). A primeira tem como princípio fazer exposições minuciosas, a partir da decodificação metódica dos fatos e argumentos contidos no conteúdo documentativo das fontes primárias³⁹, de acordo com a interação entre as suas historicidades e os fenômenos históricos externos das mesmas. De modo igual, considera ainda os significados semânticos das palavras, cujos exemplos vêm a seguir. Se se tomar a frase de Zurara⁴⁰ "(...) *Pera*

³⁹ Já se tornou clássica a definição de fontes primárias como sendo a documentação manuscrita, em particular, os registros de caráter oficial.

⁴⁰ Gomes Eanes de Zurara (c. 1416 — c. 1474). "Guarda-mor da Torre do Tombo e cronista-mor do reino português, nomeado por D. Afonso V, em 6 de Junho de 1454, para substituir Fernão Lopes que estava "velho e flaco"(leia-se fraco); e também por haver posto em prática "um conceito de historiografia inteiramente diferente daquele a que obedecia Fernão Lopes. (Cf. Tarracha Ferreira, [1993], p. 78) Assim, conferiu "(...) grande importância ao testemunho oral, proveniente de pessoas de qualidade". (Cf. Tarracha Ferreira, [1993], p.234).

Espelho de Todollos Uiuos”, no contexto da sua Crônica sobre a tomada de Ceuta, em 1415, compreende-se que o sentido do discurso do autor aí contido põe em cena a exaltação da vitória de Portugal, sob o comando do Infante D. Henrique, a respeito daquele feito.

Um outro exemplo é o silêncio que está no sentido do discurso da obra de André Thevet, escrita em 1557. Ao testemunhar sobre a religião dos habitantes brasileiros, dizia que esses mencionavam

|

um Grande Ser, cujo nome em sua língua era Tupã, acreditando que viva nas alturas e faça chover e troveja. Não conhecem, entretanto, um modo de dirigir-lhe louvores ou preces, nunca o fazendo e nem possuindo lugares reservados para tal. Quando lhes falamos a respeito de Deus, como algumas vezes o fiz, eles nos escutam atentos e maravilhados, perguntando eventualmente se não seria este Deus o mesmo profeta que lhes ensinou a plantar os tubérculos que chamam **jetica**.⁴¹ Aprenderam com seus pais que, antes do conhecimento desta e de outras raízes, alimentavam-se somente de ervas e raízes como os animais. Contam que uma vez apareceu entre eles um grande **caraíba**, ou seja, um profeta, que se dirigiu a uma jovem e lhe confiou uma raiz volumosa denominada jetica, semelhante ao nabo luminoso, ensinando-lhe a cortá-la em fatias, plantando-as depois na terra. Assim fez a moça, e este conhecimento tem sido desde então transmitido de pai para filho até os dias de hoje. E foi tamanho o sucesso deste cultivo, que os indígenas atualmente possuem grande abundância desta raiz, quase não comendo outra coisa, pois tal alimento é para eles tão comum quanto o é para nós o pão. (Cf. Thevet, 1978, p. 99)

Como se espera definir o quadro teórico nestes três primeiros capítulos, a disposição narrativa do estudo em apreço assemelha-se a uma viagem virtual, na qual a *barca transportara a sua exegese* por toda a tese, tal qual a citação acima. A propósito, nessa viagem, a problemática dos saberes agrários e demais detalhes sobre o ambiente e condições que os produziram firmam-se nas narrativas de cronistas e missionários e nas dos poucos registros dito oficiais, identificados na pesquisa.

Num plano teórico, tem-se aí um quadro complexo que será interpretado, como vem se estruturando neste capítulo, à luz da AD e não da Análise de Conteúdo (AC). A AD, põe em causa a estrutura da palavra escrita, os seus significados semânticos e o sentido do discurso em suas historicidades. Destarte, a teoria da AD é dedutiva, segundo uma dialética interativa entre o sujeito e o objeto

⁴¹ Nota de rodapé do livro diz: no original "hectich". A jetica (Ipomoca batata) é como batata-doce (N. do T.) (Cf. Thevet, 1978, p. 99)

do conhecimento em construção, enquanto que a da AC é meramente dedutiva, ou inferencial. Esta segunda corrente parte da admissão da verdade de uma proposição regedora que não é conhecida diretamente, em virtude da ligação dela com outras proposições já admitidas como verdadeiras, como exemplifica Laurence Bardin, um dos principais autores clássicos dessa corrente:

O médico faz deduções sobre a saúde de seu cliente, graças aos sintomas, do mesmo modo que o geógrafo que pretende proceder com seriedade, infere dados sobre a personalidade do seu cliente, a partir de índices que se manifestam com frequência suficiente, ou em associação significativa com outros índices, na grafia do escritor. (Cf. Bardin [1988], p. 41)

Vê-se, assim, que no campo teórico essa corrente dá importância à passagem de um enunciado regedor a outro que dele deriva sem mediação, e não à complexidade dos fundamentos propostos pela AD, a qual estuda o discurso, num plano teórico, como sendo o ato ou efeito interativo natural que se processa apenas no nível da percepção da mente humana, mediante o enunciado regedor de ações práticas e/ou abstratas. O sentido desta sua forma é percebido apenas no âmbito do mundo sensível, ou seja, através da percepção, esta julgada como uma aptidão inata e praticamente exclusiva dos seres humanos. O segundo plano é aquele em que o discurso se manifesta materialmente mediante o registro da realidade documentativo da vida cotidiana de quem o escreveu, porém, considerando na sua estrutura gramatical a disposição semântica das palavras em frases, orações, períodos etc.. Um exemplo de historicidade sobre o fenómeno da palavra em seus diferentes campos de representação é dado por Lévi-Strauss, ao dizer:

Um indígena ainda na Idade da Pedra teria adivinhado que o grande meio de comunicar, à falta de o compreender, podia pelo menos servir para outros fins. Ao fim e ao cabo, durante milênios e ainda hoje numa grande parte do mundo, a escrita existe como instituição em sociedades cujos membros, na sua

imensa maioria, não a manuseiam. As aldeias por onde passei nas colinas de Chittatong, no Paquistão Oriental, estão povoadas de analfabetos; cada um tem, no entanto, o seu escriba, que desempenha a sua função junto dos indivíduos e da coletividade. (Cf. Lévi-Strauss, [1986], p. 294)

Embora Lévi-Strauss tenha escrito essas suas observações no decênio de 1930/40 e publicado em 1955, e nos dias atuais o ensino oficial tenha se expandido e a mídia tenha se globalizado — portanto, os níveis de sociabilidades passados por processos de transmutações consideráveis — de certa maneira, o exemplo acima ainda continua válido. O autor continua a sua argüição, afirmando que “(...) *é muito difícil conceber-se o desenvolvimento científico dos séculos XIX e XX sem a escrita. Mas esta condição necessária, não é certamente suficiente para o explicar*”. (Idem, p. 296) Talvez, as outras condições imaginadas pelo autor para explicar esse desenvolvimento científicos, sejam os conhecimentos sobre os fatores econômicos da sociedade e os preceptivos do ser humano.

Da mesma forma isto serve para explicar um outro exemplo dado por esse mesmo autor na primeira parte da mesma obra citada. Na realidade, o exemplo que vem a seguir é ainda mais revelador da força que tem a palavra para explicar a linearidade histórica da ideologia, diga-se de passagem, imiscuída no discurso da ideologia colonial, conforme já foi ressaltado na abertura da introdução deste trabalho. Um exemplo, mais esclarecedor disso, está em *Tristes Trópicos*, de Lévi-Strauss, sobre uma conversa que ele teve com um Embaixador brasileiro em Paris, o qual não tem o nome citado, quando se preparava, na primeira metade do presente século, para vir fazer as suas pesquisas etnográficas no Brasil. O depoimento desse autor revela bem o comportamento ideológico do referido Embaixador — o qual com certeza absoluta era membro das nossas

elites econômicas e políticas — em relação à questão indígena e à própria ciência brasileira. Assim narra Lévi-Strauss:

que foi portanto com grande espanto meu, durante um almoço ao qual tinha sido levado por Victor Margaritte, ouvi da boca do embaixador do Brasil em Paris o toque de sino oficia: Índios? Infelizmente, meu caro senhor, há já alguns lustres que desapareçam todos. Oh! Isso é uma página muito tristes, muito vergonhosa da história do meu país. Mas os colonos portugueses do século XVI eram homens ávidos e brutais. Como poderemos censurá-los por terem participado na rudeza geral dos costumes? Apanhavam os Índios, amarrava-nos à boca dos canhões, e despedaçavam-nos vivos a tiro. Foi assim que os eliminaram até ao último. Na sua qualidade de sociólogo vai descobrir coisas apaixonantes no Brasil, mas quanto aos Índios, nem pense nisso, não encontrará um único'. (Cf. Lévi-Strauss [1986], pp. 42-43)

Assim, a palavra escrita desempenha uma relevante função, pois a sua ação é análoga às atividades práticas do ser humano, tais como na roça se faz usança do arado para arar a terra, ou no mar quando as barcas sulcam as águas em direção a um ponto que nem sempre é o final.

1.1.1.1 A transmutação da palavra na estrutura da linguagem do discurso dos saberes em geral

um garotinho tinha perdido todas as palavras boas e ficou apenas com as palavras feias: caca, meleca interesseiro, etc.

Então sua mãe levou a um médico, que tinha um bigode desse tamanho e o médico disse: — Abra a boca, ponha a língua para fora, para cima, para dentro, sobre as bochechas.

O médico disse para ele sair procurando uma palavra boa. Primeiro ele encontrou uma palavra desse tamanho (o menino indica um comprimento de mais ou menos 20 cm) que era "ufa!", mas que era muito feia. Depois ele encontrou uma comprida assim (cerca de 30 cm) que era "acomodados", que também era feia. Depois encontrou uma palavra pequenininha e cor-de-

rosa, que era "olá". Pôs no bolso, levou para casa, aprendeu dizer palavras gentis e ficou bom. (Cf. Giani Rodari, Gramática da Fantasia, p. 18).

Conforme foi mostrado no item anterior, a palavra em suas diferentes modalidades é o atributo principal do ser humano para se comunicar. Assim sendo, ela conota-se com a complexidade das coisas existentes no planeta Terra. E neste item se pretende fazer apenas uma apresentação concisa do fenômeno da palavra SABER, segundo a sua etimologia apresentada em vários dicionários e/ou vocabulários das línguas portuguesa e latina. Afirmam os gramáticos que o significado do vocábulo *saber* deriva-se do latim *sapere que, grosso modo* quer dizer: ter gosto (gustu), sentir o sabor das coisas. Assim, o referido vocábulo, quer seja na sua função de verbo, quer seja na de substantivo, se refere a algo elaborado a partir de dados simples, do senso comum (constructo), ou de fundamentos teóricos mais complexos (saber científico), cuja construção é feita a partir de conhecimentos sistematizados.

Para o historiador, o antropólogo ou o cientista social, de modo geral, a luz do seu saber profissional está na sua capacidade de observação, percepção e interpretação das fontes testemunhos. O historiador, por exemplo, certamente ignora uma porção de fatores do saber histórico, mas não faz dessa ignorância o ponto de partida das suas observações. Quando muito, tal ignorância pode servir como estímulo para corrigir equívoco, e/ou aprofundar alguns pontos ainda obscuros do seu objeto de estudo. Mas não quer dizer que esse comportamento seja idêntico ao do saber/conhecer do cientista, segundo Bachelard, ao dizer que o

conhecimento do cientista sai da ignorância tal como a luz sai das trevas. O cientista não vê que a ignorância é um tecido de erros positivos, tenazes, solidários. Não vê que as trevas espirituais têm uma estrutura e que, nestas condições, toda a experiência objetiva correta deve implicar sempre a correção de um erro subjetivo. Mas não é fácil destruir os erros um a um. Eles são

coordenados. O espírito científico só se pode construir destruindo o espírito não científico. Muitas vezes o cientista entrega-se a uma pedagogia fracionada enquanto o espírito científico deveria ter em vista uma reforma subjetiva total. Todo o progresso real no pensamento científico necessita de uma conversão. Os progressos do pensamento científico contemporâneo determinaram transformações nos próprios princípios do conhecimento. (Cf. Bachelard, s/d, p. 14.)

Mas os pontos obscuros acima citados não se identificam com os apresentados por Bachelard, pois a barca da exegese não está transportando essa obscuridade. Está sim, de vez em quando, enfrentando-a, em especial porque o objeto deste ensaio não é um estudo de história agrária *stritu sensu*, e nem tampouco sobre a teoria da AD, como foi dito no início deste capítulo. De ambas se utilizará os seus aportes naturais, sendo que, em especial a segunda, serão utilizadas como uma espécie de ferramenta que facilita a compreensão da análise do discurso das fontes documentativas, matéria-prima da primeira. Quanto à língua portuguesa em si, alguns dos seus aspectos filológicos serão considerados em razão de que o presente estudo se fundamenta na complexa interação entre a historicidade e a história enquanto componentes teóricos do objeto de estudo em julgamento nesta tese. Neste sentido, mostra Orlandi que a AD permite fazer

uma ligação entre a história lá fora e a historicidade do texto (a trama do sentido⁴² nele) mas ela não é nem direta, nem automática, nem causa e efeito, e nem se dá termo-a-termo. É, pois, preciso admitir que esta relação é mais complexa do que pretendem as teorias da literalidade e que deixam pensar que a análise de discurso, que a análise de discurso francesa prática, vê nos textos os **conteúdos** da história. (Cf. Orlandi, 1996, p. 55)

Presume-se assim que, ao tomar por base esses fundamentos, espera-se tornar mais fácil conceber, de imediato, que

a natureza do objeto do presente estudo, os saberes agrários, não existe em si mesmo, pois eles são inerente à natureza dos demais saberes do período estudado nesta tese, em particular, dos cosmológicos e cartográficos, que serão apresentados nos capítulos III e IV. Esses últimos (nos quais se mesclavam os demais), por muito tempo encobriram a ideologia das classes hegemônicas⁴³ portuguesas daquela época, por conceberem o mundo segundo o mito bíblico da criação e desenvolvimento do universo. Tal concepção era materialmente representada mediante as construções das suas igrejas e mosteiros de exuberante estilo gótico. Estilo este que começa a germinar na cultura lusitana com o início das construções do Mosteiro da Batalha (1387), como cumprimento às promessas feitas pelo Mestre de Avis à Nossa Senhora da Vitória, se o fosse vencedor das batalhas de Aljubarrota e Lamego, em 1385, contra os castelhanos.

Nos capítulos V, VI e VII, esclarecer-se-á como, à medida que expandiam as fronteiras imaginárias do Império lusitano no século XV, acentuavam-se, no interior do referido Mosteiro, as sensibilidades do belo deste estilo, caracterizadas pela presença de elementos decorativos em forma de lanças e de fogueiras em chamas, representando, assim, o imaginário da vitória e da salvação. O ritmo de expansão comercial e marítima do Império Ultramarino português do final do século XV e início do XVI é o espelho que mostra como a Corte lusitana, afora ao apoio à nascente fidalguia burguesa desse reino no empenho com a acumulação mercantil, vai,

⁴² Compreende-se o sentido nesta contextura, enquanto interjeição, ou seja, advertência ou recomendação manifestadas na metalinguagem, no âmbito do próprio texto enquanto elemento de ligação entre o que está implícito na sua mensagem e o formalmente explícito pela história.

⁴³ Os conceitos de classes hegemônicas e subalternas utilizados neste estudo, foram elaborados a partir dos vários estudos do filósofo italiano Antonio Gramsci. Esse autor, foi o teórico que os elaborou com mais exatidão no campo da teoria política, ao mostrar o predomínio de uma classe ou grupo da mesma, em níveis diferenciados de conexão àquelas que ocupam posições inferiores, que seja no campo da organização social da produção, quer seja no dos saberes oficialmente classificados de eruditos. Desta forma, Gramsci esclarece que embora exista a conexão acima referida, se tomar como base interpretativa o senso comum, tem-se a impressão, em especial no campo dos saber-fazer, que ambas as categorias se apresentam sob formas relativamente independentes.

sistematicamente, e, principalmente no reinado de D. Manuel I, se dedicar sempre em retocar o Mosteiro da Batalha. Este, que é considerado o símbolo do nacionalismo português até os dias atuais, encarnou todos os estilos das escolas artísticas européias até o momento em que transmutou-se, de fato, no chamado estilo manuelino. Segundo mostra ATANÁZIO, M.C. Mendes, em seu livro *Arte do Manuelino*, tanto a era como o estilo manuelino são típicos e exclusivamente portuguesa, uma vez que apresenta características totalmente distintas das do Renascimento artístico penetrante nos demais países da Europa Ocidental.

No encadeamento dessa cultura manuelina delineavam-se não apenas os saberes populares ou eruditos, mas os de toda a vida lusitana, cuja pregação de um dos seus maiores místicos de todos os tempos, o sapateiro, poeta popular e suposto profeta Bandarra, era ver um dia a sua Terra concretizar o que ensinava a Bíblia, ou seja, Portugal se transformar no Quinto Império do Mundo e, por isto, em 1541, teve que prestar juramentos perante o Tribunal do Santo Ofício. Este imaginário continuou impregnando outras *mentes*, como a do padre Antônio Vieira, que cem anos mais tarde vai não somente sair em defesa, como continua justificando o sonho daquele suposto profeta, escrevendo uma das suas obras principais: O Quinto Império do Mundo. Posteriormente, quase trezentos anos depois, o poeta Fernando Pessoa, em poemas dedicados aos personagens acima, sai em defesa de ambos pela importância de defenderem essas suas proposições.

Portanto, o objeto deste ensaio — como já foi exposto no título e ressaltado no início do presente capítulo —, embora seja o de estudar o fenômeno da constituição dos saberes agrários brasileiros, não se limita, de forma alguma, ao seu recinto exclusivo, como se fosse o produto de uma forja na qual se molda uma determinada peça de ferro, mas sim, ao fenômeno do Saber, na sua forma

substantiva, no contexto sócio-histórico. Nas efemérides que guardam o cotidiano da história, encontram-se inúmeras formulações teóricas em torno do conceito Saber, ou do seu correspondente: o Conhecimento. Por exemplo, no início deste século, o conceito de conhecimento era aplicado ao fenómeno conhecer, no contexto da Teoria do Conhecimento então em voga: a da escola neo-kantiana de Marburgo, na Alemanha. O principal representante dessa escola foi o filósofo alemão Ernest Cassirer (1874-1945). Essa escola se caracterizava, em particular, por não distinguir a teoria do conhecimento da filosofia. Segundo essa corrente de pensamento, o conhecimento racional humano se fundamentava nas determinações das ciências físicas e naturais, e as leis sociais no idealismo e no subjetivismo kantiano. Neste sentido, escrevia Cassirer, em 1909, ao estudar o problema do conhecimento na filosofia e na ciência renascentista (séculos XV e XVI):

las múltiples concepciones del mundo no se enfrentan unas a las otras en una línea cuantitativa y constante de crecimiento, sino en la más aguda contradicción dialéctica. El sistema lógico precedente tiene que ser destruído, para dejar a outro nuevo, levantado sobre cimientos totalmente distintos. (Cf. Cassirer, 1986, p. 15)⁴⁴

Vinte anos depois (1926), André Lalande (1996, p. 971 ss) dá a seguinte definição teórico-filosófica de saber, a partir do princípio de que este é “(...) *a relação do sujeito pensante com o conteúdo objetivo do pensamento, formulável numa proposição, de que admite a verdade por razões intelectuais e comunicáveis* (Cf. *ciência: sinónimo de saber*)”. No seu uso comum, segundo os dicionários da língua portuguesa consultados, o LELLO UNIVERSAL assim o define:

⁴⁴ (...) as múltiplas concepções do mundo não se enfrentam umas com as outras em uma linha quantitativa e constante de crescimento, mas mais aguda contradicção dialética. O sistema lógico precedente tem que ser destruído, para deixar a outro novo, construído sobre bases concretas totalmente distintas. (Cf. Cassirer, 1986, p. 15) A versão para o português do trecho citado foi feito por Geraldo Prado, exclusivo para esta tese.

Saber: verbo transitivo (do latim *sapere*). Conhecer: saber o caminho. Ser informado de, ter conhecimento de: só hoje soube a notícia. Ser instruído em alguma coisa: saber francês. Estar exercitado em: saber mandar. Ter na memória, ter de cor, saber a lição. Estar convencido de: sei que me enganas. Ter a possibilidade, o meio de: não saber responder. Prever: não saber o que vai acontecer. Conseguir: soube agradar ao público. Compreender, poder explicar: não sei o que sinto. Saber as linhas com que se cose, saber o que faz. Saber o nome aos bois, saber da poda, saber do seu ofício, saber alguma coisa a fundo. Sabê-la toda, tratar dos seus interesses com manha. Dar a saber, fazer sciente. Não saber a quantas anda, atrapalhar-se. Vir a saber-se (alguma coisa). Divulgar-se. Loc. Interjeição: Sei o que sei, não me quero explicar mais. Quem sabe? Denota dúvida: quem sabe? Terá elle já partido? Sabe Deus ou Deus sabe, expressão, que indica a nossa ignorância de qualquer coisa. Um não sei quê sentimento indefinido. Ter muito conhecimento, sciencia ou erudição: homem que sabe muito. Seguido da preposição a significa: Ter o saber ou o gosto de: a carne dos patos bravos sabe a peixe. Conjunto dos conhecimentos adquiridos; erudição: pessoa de grande saber. Sentido figurativo, prudência, sensatez: saber de experiência feito.

O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa traz outros significados, em sua maioria relacionados com o de conhecer. Assim, segundo Aurélio, a palavra saber apresenta mais de trinta significados diferentes, em sua maioria relacionados com o verbo Ter. Mas para Michel Foucault, que foi um dos principais teóricos formuladores do conceito de saber nos decênios 1960 a 1980, diz que

um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um **status** científico; (...) um saber é também o campo de coordenação dos enunciado regedores em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam (nesse nível, o saber da História natural, no século XVIII, não é a soma do que foi dito, mas sim o conjunto dos modos e das posições segundo os quais se pode integrar ao já dito qualquer enunciado regedor novo); finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (assim, o saber da economia

política, na época clássica, não é a tese das diferentes teses sustentadas, mas o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas que são discursivas. (Cf. Foucault, 1997, pp. 206-207)

A partir desse conceito de Foucault, os saberes agrários estudados nem sempre estão subordinados ao conceito clássico do saber científico. Mas embora este trabalho não seja específico do campo da História da Ciência, não se pode negar que na época aqui estudada, os referidos saberes científicos eram apresentados de forma mais ou menos sistematizada, no âmbito da representação



Figura 12. Índios serrando madeira⁴⁵

cosmológica e cartográfica e que a imagem a seguir pode servir de um, entre os inúmeros exemplos.

Outros, ainda, como os advindos das camadas subalternas, serão analisados à medida que os testemunhos forem manifestando dados merecedores de créditos. Isto porque, segundo Foucault, "(...) *Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem*

uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma". (Cf. idem, ibidem)

Diante dos exemplos acima citados, é possível perceber como a palavra Saber, em sua forma substantiva — que é a que está sendo considerada neste estudo — é atributo particular e exclusivo do ser humano. E por ter tal característica, essa palavra se situa na gramática gerativo-transformacional, como uma espécie de síntese. Isto é, por fundir-se na sua estrutura semântica tanto o conjunto dos significados acima citados, como ainda alguns outros significados correspondentes, quer sejam no nível do concreto (produto da atividade humana), quer sejam no nível do abstrato (apreensão e percepção do saber). Esses fenômenos são ocasionados à proporção que as relações econômicas e sociais de produção transformam as demais estruturas da sociedade.

Atenta-se, nesta argumentação, que tal concepção teórica legitima a idéia de movimento, de transmutação. E ao legitimar, está negando a idéia mecânica do conceito de transferência em si mesma de um dado saber, subtraindo deste a dinâmica das suas ações opostas e/ou das que implicam em permutas mútuas, transformando-o em apenas uma imutável e estática memória-documento. E por não ter tais características, se ajusta a *sentença metafórica* de Michel Serres, ao afirmar que

Desde que Esopo,⁴⁶ antigo contador de fábulas, disse que a língua é a pior e a melhor de todas as coisa, é

⁴⁵ Figura 12. Índio serrando um tronco de pau-brasil . Ornamento do quadro de escalas de uma carta do atlas Zee-Fakkel, de Johannes van Keulen, 1683. In: Adonias, Op. cit. p. 48.

⁴⁶ Cf. LELLO UNIVERSAL. Verbete Esofo, fabulista grego (séc. VII e VI a. J.C.). *A sua existência /é semi-lendária: geralmente consideram-no como phrygio [natural da Ásia antiga]. Era feio, gago, corcunda, mas d'um espírito engenhoso e subtil. Primitivamente escravo, foi libertado pelo último dos seus senhores, Xanthho. Correu o mundo e foi para junto de Cresos [último rei da Líbia, 560 a. C. Ao morrer na fogueira , vieram à memória as palavras de Sólon e por três vezes pronunciou o nome do legislador ateniense. In verbete Cresos], cujos favores adquiriu. Encarregado de levar as oferendas ao templo de Delphos [oráculo], revelou as fraudes dos sacerdotes de Apollos. Estes vingaram-se, escondendo na bagagem uma taça de ouro consagrada ao deus e accusando-o de ter roubado. Esopo foi condenado a ser precipitado do alto d'um rochedo. A compilação atual das Fábulas de Esopo, redigidas em prosa*

fácil observar, depois dele, qualquer meio de comunicação, oral ou escrito, tanto outrora como há pouco, e os canais, actualmente, tornarem-se indiferentemente veneno ou panacéia. Daí os dois encantos. Curemo-nos então do que mata. Não, nada mudou. (Cf. Michel Serres, Atlas, 1998, p. 16)

Não! Tudo mudou. Isto é, se observar a realidade pela ótica da hipótese básica do estudo em apreciação. Logo, afirma-se que tudo mudou, ou melhor, tudo *transmutou-se*, como o próprio Serres vai mostrar em seguida neste mesmo livro, e assim pode-se conjugar um movimento dialético circunscrito no espaço Terreal e transcendente no tempo. Considera-se o apego à verdade da hipótese sobre a mudança a própria *magia* da história, pois esta tem como preceito básico evidenciar que nada no mundo é imutável, e, de certa forma, os estudos científicos contemporâneos, em particular nas áreas da história da ciência e de saberes afins, vêm demonstrando que pouco menos da complexidade da realidade muda incessantemente.

Os exemplos sobre isso são inúmeros e podem ser observados tanto por meio da palavra escrita, quanto pela observação do cotidiano. Na palavra escrita, exemplos fartos são os dados por Peter Burke⁴⁷ em seu artigo falando sobre a metáfora da limpeza tratada no livro da antropóloga inglesa Mary Douglas⁴⁸.

grega, é atribuída ao monge Plamídio, a quem também se deve uma **Vida de Esopo**. Uma circunstância da vida do fabulista deu origem à locução '**as línguas de Esopo**' que passou para a conversa. Tendo-o um dia o seu senhor Xantho, encarregado de comprar no mercado o que encontrasse de melhor, Esopo comprou línguas que mandou cozinhar de várias medidas. Os convivas, em breve, se aborreceram. "Há lá coisa melhor do que a língua? — Respondeu Esopo; — é o lado da vida civil, a chave das sciencias, o órgão da verdade e da razão: por meio dela; por meio d'ella, constroem-se e políam-se as cidades, instruem-se, persuade-se, domina-se nas assembléias, cumpre-se o primeiro de todos os deveres, que é de louvar a Deus.

. — Está bem — replicou Xantho, que pretendia embaraçal-o: — compra-me amanhã o que houver de pior. No dia seguinte, Esopo serviu novamente línguas, apenas, asseverando que a língua é a peor coisa que há no mundo. 'É a mãe de todas as questões, a origem de todos os processos, a fonte das discórdias e das guerras; só ella é o órgão da verdade, é também o do erro e, peor ainda, o da calúmnia. Por intermédio d'ella, destroem-se cidades; se, por um lado, louva os deuses, por outro, é o órgão da blasphêmia e da impiedade. As línguas de Esopo para designar o que, podendo ser tomado sob dois aspectos oppostos, dar lugar, igualmente, ao louvor e a crítica.

⁴⁷ BURKE, Peter. "A contaminação da pureza". In Folha de São Paulo de 30 de maio de 1999, Cader no mais, p. 5-3. Tradução de Clara Allain.

⁴⁸ Cf. DOUGLAS, Mary. *Pureza e Limpeza*, publicado na Inglaterra em 1966 e, em português, pela Perspectiva, em 1978, traduzido por Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto, sob a

Burke considera a metáfora limpeza como um *slogan novo*, e acrescenta outros exemplos mais atuais que não estão no livro comentado. Assim diz ele:

Limpeza étnica” é um slogan novo, mas o tipo de ansiedade que está por trás dele (insegurança quanto a identidade, medo de contaminação) está longe de ser nova e, com certeza, não se limita aos Balcãs, nem mesmo à Europa. A pureza e o perigo estão de fato ligados, mas não da maneira como os puristas imaginam. O verdadeiro perigo não vem de fora. O fato de a metáfora da pureza existir em todo o lugar sugere que o perigo vem de nós mesmo. (Cf. Burke, 1999, p. 5-⁷)

O texto de Burke dá uma idéia de resistência à mudança no que se refere ao seu objeto analisado. Na realidade, isto não deixa de existir, mas hoje em dia, embora ainda continue existindo reações negativas a tais aspectos, esta reação passou por profundas mudanças, em se comparando com a do século XVI, na Espanha de Carlos V, ou na Alemanha de Hitler, citados pelo próprio autor. Um dos exemplos tirado do livro da própria Mary Douglas mostra bem a interação entre a permanência e a superação de uma determinada coisa, que é o da magia das tribos primitivas, pois esta

foi superada, cuidadosamente, de outras cerimônias, como se as tribos primitivas fossem populações de Ali-Babá e Aladins, proferindo suas palavras mágicas e esfregando suas lâmpadas maravilhosas”. (Cf. Douglas, 1976, p. 78)

Assim, o ritmo de mudanças é infinito, mesmo entre aqueles segmentos sociais que David Riesman estudou em seu livro *A multidão solitária* afirmando que

Uma mudança na proporção relativamente estável dos nascimentos e mortes, que caracteriza o período de alto potencial de crescimento, é, ao mesmo tempo, causa e consequência de outras mudanças sociais

profundas. Na maioria dos casos de nosso conhecimento, o declínio da mortalidade ocorre antes do declínio da fertilidade; daí haver um certo período no qual a população se expande rapidamente. A queda do índice de mortalidade verifica-se como resultado da interação de muitos fatores, entre os quais o saneamento, a melhoria de comunicações (que permite ao governo operar em áreas com excedentes para áreas de carência), o declínio, forçado ou de outro tipo, de infanticídios, canibalismo e outras espécies congênicas de violência. Em virtude dos métodos aperfeiçoados de agricultura, a terra é capaz de sustentar maior número de pessoas e estas, por sua vez proliferam ainda mais. (Cf. Risan, 1971, p. 78)

No referente à agricultura, segundo a perspectiva do autor, no caso da História do Brasil, no que se refere a organização do trabalho e dos saberes agrários, as mudanças não têm ocorrido exatamente na direção apresentada por ele. Os inúmeros trabalhos pioneiros de antropologia, etnografia e sociologia que tratam da organização social do trabalho agrícola e/ou rural no Brasil, notadamente entre os micros e pequenos produtores de várias regiões do país, são ricas fontes testemunhos que demonstram uma direção diferente da acima apresenta. As terras que proliferam por motivo de inversão de capital em novas tecnologias tendem a uma concentração acelerada para a agroindústria de exportação, cujo melhor exemplo nos dias atuais é o cultivo da soja. O contrário disso, sobretudo a partir da chamada modernidade tecnológica na agricultura brasileira, iniciada a partir dos primeiros anos do regime militar brasileiro (1964-1985), o que tem acontecido com os micro e pequenos produtores rurais é uma grande parcela deles migrarem para os grandes centros urbanos, provocando assim outro processo de mudança, o da *rururbanização* dos grandes centros urbanos, cujo início, na realidade, já vem de longa data.

Quanto aos estudos acima citados, e que melhor esclarecem esse processo de transmutação sociocultural, põe à vista

aqui, entre outros, *História Geral da Agricultura Brasileira em seus tríplices aspectos: econômico-político-social*, de Luiz Amaral, *Civilização e Cultura*, de Luís da Câmara Cascudo, *Mutirão: Formas de Ajuda Mútua no Meio Rural* de Clóvis Caldeira, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e *Os Parceiros do Rio Bonito*, de Antônio Cândido, todos eles produzidos no decênio de 1950. Além destes, tem-se o romance *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, publicado em 1872, e que é, no gênero literário, o primeiro testemunho sobre o tipo de relacionamento entre os pequenos produtores rurais do interior do Brasil, cujo enredo se dá no interior do Rio Grande do Sul.

Os cinco estudos acima citados apresentam, com riquezas de detalhes, da origem às mudanças, tanto dos padrões socioculturais, quanto da organização do trabalho rural e da economia agrária que estavam ocorrendo na época em que foram escritos. O terceiro e o quarto, em particular, se destacam pelo método adotado, que, por serem de caráter mais analítico, já se tornaram clássicos na historiografia brasileira e de referência obrigatória em vários estudos sobre a ruralidade brasileira. Os demais, embora também sejam referências complementares obrigatórias, tratam os seus objetos de estudo de uma forma puramente descritiva. Mas nem por isso eles deixam de ter o seu valor etnográfico, como o de Câmara Cascudo, que descreve, com muita propriedade, as origens da Civilização e da cultura humana. Já Luís Amaral procura mostrar o fenômeno da economia agrícola, assim como das diversas formas de organização de trabalho rural espalhadas por todas as regiões brasileiras, a partir da interação das três culturas originárias: a européia (leia-se portuguesa) a indígena e a africana. Caldeira se prende mais em descrever as diferentes

origens de uma, entre as diversas formas de organização de trabalho rural espalhadas por todas as regiões brasileiras: o mutirão.⁴⁹

Consideramos aqui as fontes testemunhos desses três últimos autores apenas como referências complementares, porque, ao contrário dos outros dois, tanto o sujeito, quanto o objeto dos seus estudos aparecem como coisas dadas, normais, portanto, sem apresentarem nenhuma complexidade. Mas eles são úteis por apresentarem algumas forma de comportamento específicos e, a partir daí, serem interpretados e/ou comentados, segundo a luz da teoria da AD.

Bernardo Guimarães, no seu romance *O Seminarista*, publicado em 1872, descreve a prática do mutirão como sendo

um costume dos pequenos lavradores, ou de gente pobre dos campos, que vivem como agregados dos grandes fazendeiros e que não possuindo terra, e menos ainda braços para cultivá-la, nem por isso deixam de plantar boas roças, ou de exercer sua pequena indústria, de que tiram a subsistência. Quando chega o tempo de qualquer dos serviços da roça, que consistem nestas quatro operações principais — roçar, plantar, capinar e colher — o pequeno roceiro convida seus parentes, amigos e conhecidos da vizinhança para vir ajudá-lo, e todos pelo direito costumeiro são obrigados a dar-lhe u'a mão — é a frase usada —, ficando o que assim aproveita dos serviços na obrigação de acudir também ao chamado destes para o mesmo fim. (...) Mas o mutirão não consiste simplesmente no desempenho de uma tarefa de trabalho. O dono ou a dona da casa tem por obrigação regalar os seus trabalhadores do melhor modo possível, e a reunião e a boa mesa trazem como consequência natural os divertimentos e folguedos. Assim trabalham o dia, e à noite toca a comer e beber, dançar, cantar e folgar. (Cf. Guimarães, 1998, p. 52)

⁴⁹ CF. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Op. cit. verbete mutirão. Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os lavradores, reunindo-se todos os da redondeza e realizando o trabalho em proveito de um só, que é o beneficiado, mas que nesse dia faz as despesas de uma festa ou função. Esse trabalho pode ser a colheita, ou queima ou roçado, ou plantio, ou tapamento ou construção de uma casa. [Var. e sin., em lugares diversos do Brasil: mutirom, mutirum, muxirão, muxirã, muxirom, muquirão, putirão, putirom, putirom, pixurum, ponxirão, punxirão, puxirom; ademão, adjunto, adjutório, ajuri, arrelia, bandeira, batalhão, boi-de-cova, corte (ô), junta. Cf. suta (3), tração (5) e estalada (5).]. No Brasil, Amazonas: ave da família dos ardeídeos (*Nyctanassa violacea* Goeldi).

Quanto à estrutura de organização do mutirão, Caldeira, no decênio de 1950, descreve-a igualmente à de Guimarães e apresenta quatro tendências:

Zonas onde o sentimento vicinal é ainda forte, fazendo-se apelo, regularmente, à ajuda mútua para efetivação de vários trabalhos. 2) Zonas onde a cooperação intragrupal se exerce moderadamente. 3) Zonas onde ainda se registram casos episódicos de trabalho solidário, com finalidades especiais. 4) Zonas onde teria cessado a prática, há vários ou há muitos anos, dela só se recordando os habitantes mais antigos. (Cf. Caldeira, 1956, p. 83)

Na descrição de Caldeira está ressaltado que este tipo de festa difere das *matutas*, apenas porque se prende a uma manifestação específica da organização social do trabalho, cuja origem, como foi descrito por Guimarães, já vem de longa data. É ainda Caldeira quem vai demonstrar como estas tendência se encontravam no decênio já referido acima, ao afirmar que

a transformação, em várias zonas, da economia de subsistência em economia comercial, determinada quer pela abertura de vias de comunicação quer pelas crescentes exigências alimentares das grandes concentrações urbanas, cujo poder de consumo tem aumentado em função do crescimento industrial, constitui o fato substancial nesse processo. Dada, porém, a linha de desenvolvimento da agricultura brasileira, em cujo âmbito a transformação da velha economia fechada se vem fazendo em formas desigual e incompleta, o declínio das políticas solidaristas é menos acentuada em certas zonas. (Idem, p. 84)



Figura 13. Festa oferecida pelo dono do mutirão⁵⁰

Nos dias atuais as práticas mostradas pela figura acima são memórias, porque elas não existem mais. Da mesma forma a organização do trabalho rural, inclusive nas pequenas propriedades agrícolas se dá segundo a lógica da mecanização, tal como a substituição do arado pelo trator, que ao arar as terras de um outro não o faz mais como uma solidariedade, mas sim, através de trabalho remunerado. E, assim, vê-se como o processo de transmutação se manifesta no conjunto dessa complexidade, onde, às vezes, o novo surge, até mesmo, como proposta jamais existente. E no referido processo, partes ainda significantes do novo se origina da realidade existente, embora alguns fragmentos permaneçam *marginalizados*, sem ao menos conseguirem, se quer, *absorverem*, mesmo que seja mecanicamente, das partes mais elementares das mudanças processadas no âmbito da sociedade.

Destarte, de modo geral, transmutam-se também as organizações sociais da produção, os conceitos de Cosmologia e de Natureza, os traços e a estética da representação cartográfica, o ritmo da linguagem, os comportamentos éticos e morais, os aspectos

⁵⁰ Figura 413. Festa oferecida pelo dono do Serviço. In CALDEIRA, Clóvis. Mutirão: Formas de ajuda mútua no meio rural. 1956, entre pp. 104-105.

estéticos da arte e da própria pessoa, a velocidade do tempo etc. Da mesma forma, em proporção similar, umas vezes mais, outras menos, transmutaram-se também o jeito de pensar, de falar e de agir do ser social. Exceto no senso comum, nas tradições e nos fabulários populares, algumas tendências mais *vulgares* não acreditam em mudanças, mesmo assim é possível sentir níveis de transmutação.

Isto ocorre até mesmo com as próprias fábulas de Esopo — mesmo considerando o uso que Michel Serres fez para ilustrar as suas concepções teóricas sobre espaço-tempo — que se *transformaram em conversas*. Da mesma forma, o fenômeno da palavra encontra-se no silêncio do sentido dos discursos das fábulas de La Fontaine⁵¹ — cuja intenção do autor era parodiar o mundo humano mediante a metáfora do reino animal — , embora nas palavras desse autor não apresente

um único traço da fisionomia animal, quer esteja correto, nenhum indício de psicologia animal, mesmo superficial, nenhum sentido da animalização; nada, para além de uma pobre comédia que se diverte com formas animais peurilmente observadas; nada, para além de um jardim zoológico ou de um circo de animais feitos de madeira pintada. Sob esse pretexto animal podemos, sem dúvida, descobrir uma fina psicologia humana; porém esse talento de psicólogo que justamente reconhecemos no fabulista não consegue mais do que acentuar a monotonia da fabulação animalizada. (Cf. Bachelard, 1989, p. 9)

Como os exemplos são os mais variáveis possíveis, toma-se aqui apenas o dado por Bachelard sobre a obra de Lautréamont⁵² — que de certa forma apresenta uma concepção de movimento mais simétrico do que nas fábulas de La Fontaine —, na qual “(...) o *querer-viver, aqui, é um querer atacar. Nunca adormece, nunca se*

⁵¹ O conhecido La Fontaine das fábulas foi, Cf. Koogan/Houaiss. Verbete La Fontaine (Jean de). Poeta francês (Château-Tiherry, 1621 — Paris, 1695). Suas fábulas foram publicadas entre 1668 e 1689.

⁵² Lautréamont. Cf. Koogan/Houaiss. Verbete Lautréamont (Isidore DUCASSE, dito conde de), escritor francês (Montividéu, 1846 — Paris, 1870), considerado pela escola surrealista um dos seus precursores; autor de Contos de Maldorador (1869)

encontra na defensiva, nunca fica saciado. Apresenta-se na sua hostilidade franca, na sua hostilidade essencial..." (cf. Bachelard, 1989, p. 10) Diante desses exemplos, o mundo *estático* criticado por Serres no seu *Atlas*, faz lembrar o mundo imutável do mito de Sísifo,⁵³ onde o presente é apenas um dos limites das lembranças sobre o *eterno retorno* ao passado. E por entender que o *estático* é uma mera ilusão na imaginação de algumas pessoas — o mesmo não se ajusta às *magias* da história — veio à luz, conforme já foi dito anteriormente, o compromisso de restabelecer alguns conceitos. Em outras palavras, o que foi feito neste ensaio é (ao mesmo tempo que se esclarece esses conceitos) fazer uma possível *revisão teórica* das informações documentais usada na minha tese de doutorado e intitulada "Informação das Terras do Brasil". No entanto,

para evitar a largueza da arte e poupar a paciência dos ouvintes para outras noites, acudirei brevemente a alguns vícios da língua Portuguesa, não fugindo dos termos da latina, nem levando-os a eles por fundamento, mas fazendo-o nestas cinco advertências: Falar vulgarmente com propriedade.
Fugir da prolixidade.
Não confundir as razões com brevidade.
Não enfeitar com brevidade as palavras.
Não descuidar com a confiança (Cf. Rodrigues Lobo, [1990], p.188)

e também da tentativa de empregar, corretamente a semântica das palavras segundo a historicidade natural do sentido do discurso contido na textualidade das fontes testemunhos, de acordo com a definição das mesmas, tema este a ser tratado em um outro ensaio ainda em construção.

⁵³ Sísifo. Cf Koogan/Houaiss. Verbete Sísifo. Filho de Éolo e rei de Corinto, criminoso costumaz que, após sua morte, foi condenado, no inferno, a empurrar eternamente encosta acima uma enorme pedra, que caía antes de atingir o cume da montanha.